

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

FACULDADE DE ENGENHARIA CAMPUS DE ILHA SOLTEIRA

PÓS GRADUAÇÃO EM AGRONOMIA: SISTEMAS DE PRODUÇÃO

**VIVÊNCIAS E PROJETOS DAS JOVENS RURAIS: UM OLHAR SOB SUA
CONDIÇÃO DE MULHER NA AGRICULTURA FAMILIAR E A RELAÇÃO COM
SUAS ESTRATÉGIAS DE VIDA**

ANA HELOÍSA MAIA

Engenheira Agrônoma

Ilha Solteira –SP

Setembro de 2011

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AGRONOMIA

“Vivências e projetos das jovens rurais: um olhar sob sua condição de mulher na agricultura familiar e a relação com suas estratégias de vida”

ANA HELOÍSA MAIA

Engenheira Agrônoma

Orientador: Prof. Dr. Antonio Lázaro Sant’Ana

Dissertação apresentada à Faculdade de Engenharia - UNESP – Campus de Ilha Solteira, para obtenção do título de Mestre em Agronomia.

Especialidade: Sistemas de Produção

Ilha Solteira – SP
Setembro/2011

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Seção Técnica de Aquisição e Tratamento da Informação
Serviço Técnico de Biblioteca e Documentação da UNESP - Ilha Solteira.

M217v	<p>Maia, Ana Heloísa. Vivências e projetos das jovens rurais: um olhar sob a sua condição de mulher na agricultura familiar e a relação com suas estratégias de vida / Ana Heloísa Maia. -- Ilha Solteira : [s.n.], 2011 71 f. : il.</p> <p>Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira. Especialidade: Sistemas de Produção, 2011</p> <p>Orientador: Antonio Lázaro Sant´Ana Inclui bibliografia</p> <p>1. Jovens rurais. 2. Relações de gênero. 3. Agricultura familiar e estratégias de vida.</p>
-------	--



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
CAMPUS DE ILHA SOLTEIRA
FACULDADE DE ENGENHARIA DE ILHA SOLTEIRA

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO: Vivências e projetos das jovens rurais: um olhar sob sua condição de mulher na agricultura familiar e a relação com suas estratégias de vida

AUTORA: ANA HELOISA MAIA

ORIENTADOR: Prof. Dr. ANTONIO LAZARO SANT'ANA

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de MESTRE EM AGRONOMIA ,
Área: SISTEMAS DE PRODUÇÃO, pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. ANTONIO LAZARO SANT'ANA
Departamento de Fitotecnia, Tecnologia de Alimentos e Sócio Economia / Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira

Profa. Dra. SILVIA MARIA ALMEIDA L COSTA
Departamento de Fitotecnia, Tecnologia de Alimentos e Sócio Economia / Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira

Profa. Dra. ROSANGELA APARECIDA DE MEDEIROS HESPANHOL
Departamento de Geografia / Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente

Data da realização: 01 de setembro de 2011.

DEDICO

A minha mãe Maria Expedita Maia pelo apoio incondicional essencial a minha formação e pela compreensão acerca de minhas escolhas.

Aos meus irmãos Benedito Agnaldo Maia, Maria Aparecida Maia, Silvia Helena Maia, Luís Alberto Maia, Marcelo Alexandre Maia, Marcos Antonio Maia, Joaquim Miguel Maia, Luciana Maia, Eulália Adriana Maia e José Leonardo Maia pela força e ensinamentos.

Ao Prof. Dr. Antonio Lázaro Sant'Ana pela amizade construída, orientação passada e pelo apoio em todos os momentos.

A minha irmã e “cumade” Flaviana Cavalcanti da Silva por tudo mesmo, não tenho nem palavras para descrever o quão importante és em minha vida.

Ao meu marido Renato Miraia Martins pelo amor, apoio e compreensão nesses momentos.

OFEREÇO

Ao meu pai Miguel Maia que enquanto estava entre nós, ensinou, mostrou-nos com determinação e coragem, a cada dia, que a coisa mais importante que temos é a vida, que devemos cultivar os bons amigos, amar os familiares e a Deus sobre todas as coisas, porque tudo que deixamos são os ensinamentos e a lembrança do que éramos em vida. Ofereço a você meu pai esta conquista e sei que de onde você estiver está muito orgulhoso da sua filha “pé-de-boi”.

AGRADECIMENTOS

A Deus por estar sempre ao meu lado, que me concedeu o mais divino dos presentes e mesmo com todas as dificuldades e inseguranças, sempre me guiou pelo caminho da luz.

Ao meu pai (*in memoriam*) Miguel Maia e minha mãe Maria Expedita Maia, pela força e determinação, na luta incansável por uma vida melhor para seus filhos. Agradeço, por me ensinarem todos os princípios de uma verdadeira Mãe e mulher de honra, tenho neles minha inspiração e eterno agradecimento.

Aos meus irmãos de sangue e alma que me apoiaram de diversas formas e fizeram com que a realização do Mestrado fosse possível: Dito, Maria, Silvia Helena, Luís, Marcelo, Marcos, Joaquim, José, Luciana e Eulália. Embora estejamos longe uns dos outros, sei que posso contar com essa turma, afinal um laço Maia não se desfaz por qualquer coisa.

Ao professor, orientador Dr. Antonio Lázaro Sant'Ana, que indiscutivelmente me auxiliou de todas formas possíveis, compreendeu minhas dificuldades, me ajudou em todos os momentos e sem ele, dificilmente seria possível apresentar este trabalho e mesmo que as coisas tenham sido "*com muita emoção sempre*", manteve sua tranquilidade nas horas que mais precisei.

À professora Dr. Maria Aparecida Anselmo Tarsitano, que carinhosamente chamamos de Cidinha, pelo apoio dado, a mão amiga que estendeu quando mais precisei, embora pequena, essa sim é uma grande mulher.

Às professoras Dras. Silvia Maria Almeida Lima Costa, Elaine Mendonça Bernardes e Rosângela Aparecida de Medeiros Hespanhol pelas correções e contribuições a este trabalho, muito obrigada mesmo.

A minha amiga e irmã Cavarcanti, que mesmo longe sempre me apoiou, me deu forças para continuar, brigamos muito, choramos muito, rimos, enfim, acredito de coração que esse laço seja eterno e mesmo que sigamos por caminhos diferentes sempre seremos parte da história uma da outra. Minha irmã "Zé Lelé", "Cuitelinho", etc, muito obrigada mesmo.

Ao meu esposo e companheiro Renato Miraia Martins, pelo apoio e ombro amigo nas horas de dificuldades, passamos e iremos passar por muitas dessas, mas se nos mantivermos fortes e unidos todas as tormentas passarão.

À minha amiga eterna, Jacqueline, pela amizade ímpar que me acompanha desde a infância, obrigada pelo apoio.

À Gabi, Douglas “Maldonato” (o famoso Irmão) e Valéria, companheiros de pesquisa, muito obrigada pela força e amizade criados durante estes anos. Muitas risadas ... Sinto saudades ... Meus companheiros.

Às minhas amigas Marília e Livinha que me apoiaram nos momentos difíceis e que mesmo que tenhamos nos distanciado por circunstâncias adversas, no meu coração sempre terá um lugar reservado para vocês.

Às minhas filhinhas de coração Cinthinha e Cleysinha, embora cada uma tenha seguido seu caminho, jamais esquecerei os momentos que passamos juntas.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Agronomia, aos seus coordenadores e professores, pela compreensão, auxílio e acolhimento, porque souberam compreender todas as minhas dificuldades e só assim foi possível o término deste trabalho. Aos funcionários da Pós-Graduação Onilda, Márcia e Rafael, que prontamente resolveram meus problemas, souberam entender e tiveram muita, mas muita paciência mesmo para isso.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro, concedido através da bolsa de pesquisa.

A todos os professores e funcionários da Faculdade de Engenharia da UNESP de Ilha Solteira que me auxiliaram passando os conhecimentos necessários para a minha formação profissional.

A todos que diretamente e indiretamente contribuíram na conclusão do meu trabalho meu profundo agradecimento.

“Ando devagar porque já tive pressa e levo esse sorriso, porque já chorei demais. Hoje me sinto mais forte, mais feliz, quem sabe só levo a certeza de que muito pouco sei, ou nada sei...”

(Almir Sater e Renato Teixeira)

*"As dificuldades são como as montanhas.
Elas só se aplainam, quando avançamos sobre elas."*

(Provérbio chinês)

*"O otimismo é a fé que leva à realização.
Nada pode ser feito sem esperança ou confiança."
(Helen Kelle)*

VIVÊNCIAS E PROJETOS DAS JOVENS RURAIS: UM OLHAR SOB SUA CONDIÇÃO DE MULHER NA AGRICULTURA FAMILIAR E A RELAÇÃO COM SUAS ESTRATÉGIAS DE VIDA

Autora: Ana Heloísa Maia

Orientador: Antonio Lázaro Sant'Ana

RESUMO: Este trabalho faz parte de um projeto mais amplo denominado “Vivências e projetos dos jovens rurais: ameaças para a reprodução social da agricultura familiar?” que investigou o que os jovens estudantes da Escola Técnica Estadual "Dr. José Luiz Viana Coutinho" de Jales (Etec Jales - SP), filhos (as) de agricultores familiares, têm realizado, o que pensam sobre a família, o estudo, o trabalho e o lazer, e quais são seus projetos; e, ao mesmo tempo, cotejou esse conjunto de ações e planos com a visão da família, dos irmãos que já não estudavam e estavam trabalhando na propriedade familiar. No presente trabalho, cujo enfoque se refere ao público feminino, isto é, as filhas de agricultores familiares que estudam na Etec Jales (SP), foram analisadas, sob a perspectiva de gênero, as semelhanças e diferenças do papel desempenhado pelas jovens, especialmente no contexto familiar, que tem sido decisivas na constituição de seus projetos de vida, tendo em vista os aspectos sócio-culturais envolvidos na sua formação enquanto jovem, mulher e de origem rural. Pode-se verificar pela pesquisa que a escolarização é uma importante estratégia criada pelas jovens para construção dos seus projetos de vida. Os jovens do sexo masculino preferem os cursos da área agrícola, numa perspectiva de permanência no meio rural, já as jovens possuem certa preferência pelos cursos de outras áreas pela falta de perspectivas/motivação de permanecerem no meio rural, pelas relações de trabalho desiguais, pelas dificuldades encontradas na atividade agrícola, entre outros fatores. Em relação às atividades desenvolvidas na propriedade, geralmente quem define o que será feito é a figura paterna, embora muitas das jovens tenham vontade de aplicar os conhecimentos adquiridos em sala de aula na propriedade, as meninas parecem “frágeis” aos olhos dos pais, os quais impõem mais restrições ao desenvolvimento das atividades em campo do que para os meninos. Essas diferenças de tratamentos destinados aos jovens e as jovens do meio rural, embora estejam se transformando, pois muitas das jovens chegam a questionar essas relações de desigualdades entre o universo masculino e feminino, ainda repercutem nos modos de ação desses atores dentro da unidade familiar, impondo na maioria das vezes uma condição de inferioridade da mulher no meio em que vive como se fosse algo *natural*. Neste contexto os estudos acerca dos jovens rurais têm contribuído para o entendimento do processo que motiva esses jovens a saírem do campo em direção às cidades, principalmente as jovens. A escola tem um papel fundamental na construção das identidades desses jovens, assim é necessário enxergar as diferenças existentes, contextualizando os desafios e dificuldades enfrentados pelos alunos, garantindo assim uma maior visibilidade a esta categoria dentro e fora deste âmbito.

Palavras-chave: Jovens rurais. Relações de gênero. Agricultura familiar e estratégias de vida.

**PROJECTS AND EXPERIENCES OF RURAL YOUTH: A LOOK AT YOUR
CONDITION OF WOMEN IN FAMILIAR AGRICULTURE AND RELATIONS IN
YOUR LIFE STRATEGIES**

Author: Ana Heloisa Maia

Advisor: Prof. Antonio Lázaro Sant'Ana

ABSTRACT: This work is part of a broader project called "Living and projects for rural youth: threat to the social reproduction of familiar agriculture?" Investigating what the young students from the State Technical School "Dr. José Luiz Viana Coutinho" Jales (Etec Jales - SP), children (s) of family farmers have done, what they think about the family, study, work and play, and what are your projects, and at the same time, read back this set of actions and plans the vision of the family, the brothers who have not studied and were working on the family estate. In this paper, whose focus refers to the female public, that is, the daughters of farmers who study at Etec Jales (SP), were analyzed from the perspective of gender similarities and differences of the role of young people, especially within the family, that has been decisive in the formation of their life projects, in view of the socio-cultural aspects involved in its formation as a young woman and of rural origin. It can be verified by research that schooling is an important strategy created by young people to build their life projects. The young men prefer the courses of the agricultural area with a view to stay in rural areas, as young women have a preference for certain courses in other areas, the lack of prospects / motivation to remain in rural areas, by unequal labor relations, by the difficulties encountered in agriculture, among other factors. In relation to activities on the property, usually the one who defines what will be done is the father figure, although many of the young people will have to apply the knowledge acquired in the classroom on the property, the girls seem "fragile" in the eyes of parents, which impose more restrictions on development activities in the field than for boys. These differences in treatment for young people and youth in rural areas, although they are becoming, for many young people come to question these relations of inequality between male and female universe, still resonate in the modes of action of these actors within the family unit, most often imposing an inferior status of women in the environment they live in as something natural. In this context, studies on rural youth have contributed to the understanding of the process that motivates these young people leave the countryside to the cities, especially the young. The school has a key role in constructing the identities of these young people, so it is necessary to see the differences, contextualizing the challenges and difficulties faced by students, thus ensuring greater visibility to this category within and outside this scope.

Key words: Rural youth. Gender relations. Familiar agriculture and life strategies.

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1.** Distribuição percentual do número e área das Unidades de Produção Agropecuária (UPAs) por faixa de área no Escritório de Desenvolvimento Rural de Jales 35
- Tabela 2.** Previsões e estimativas das safras agrícolas da EDR de Jales 2010/2011..... 39

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1.** Culturas com maior área cultivada no Escritório de Desenvolvimento Rural de Jales 36
- Figura 2.** Principais explorações vegetais, em termos de número de UPAs e área total (ha), no Escritório de Desenvolvimento Rural de Jales..... 37
- Figura 3.** Distribuição Geográfica de representatividade dos agronegócios nas exportações totais por EDR, Estado de São Paulo, 2010 (em destaque EDR Jales) 38

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. A PROBLEMÁTICA SOBRE SER JOVEM E MULHER NO CAMPO	13
2.1. Juventude: a difícil delimitação	13
2.2. O papel atribuído as jovens no meio rural	14
2.3. O papel da escolarização como estratégia e formação da identidade das jovens rurais	19
2.4. Mulheres em escolas técnicas: dificuldades e desafios	22
3. POLÍTICAS PÚBLICAS VOLTADAS AOS JOVENS RURAIS NO BRASIL	23
4. PERSPECTIVAS TEÓRICO METODOLÓGICAS E TÉCNICAS DE PESQUISA	26
6. RESULTADOS E DISCUSSÃO	32
6.1. Características da região de Jales	38
6.2. Característica da Escola Técnica Estadual de Jales	37
6.3. Características dos jovens e da família	41
6.4. Características da propriedade, do trabalho, dos membros da família e da produção	44
6.5. O trabalho e a vida familiar das jovens na propriedade	49
6.6. O lazer das jovens no meio rural	56
6.7. A relação das jovens com a Etec de Jales	57
6.8. Visão das alunas, profissão e mercado de trabalho para as egressas da Etec Jales e planos para o futuro	63
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
8. REFERÊNCIAS	71

9. APÊNDICES	80
---------------------------	-----------

1. INTRODUÇÃO

A juventude rural, para Durston (1999), é uma categoria, socialmente construída, invisível para a maioria dos analistas das questões rurais, mas que, aos poucos, está despertando o interesse de instituições governamentais. Dessa forma, as investigações sobre os jovens rurais se tornaram mais freqüentes, motivadas principalmente pelas evidências da continuidade da sua migração para o meio urbano e pela tentativa de explicar as causas desse fenômeno. Estas investigações justificariam porque a sobrevivência das unidades de produção familiar estaria relacionada diretamente à permanência dos jovens no campo, para dar continuidade às atividades agropecuárias da família (CAMPOLIM, 2005). No entanto, muitas dessas pesquisas, se restringem às análises dos jovens enquanto aprendizes de agricultores que se tornam adultos precoces em função dos processos de socialização e de divisão social do trabalho a que são submetidos no interior da família (CARNEIRO, 1998).

Sales (2006) destaca ainda que os estudos sobre a juventude não apenas não têm se ocupado com os jovens rurais, como também vêm negligenciando as jovens mulheres, privilegiando a investigação de questões relacionadas ao jovem da cidade e do sexo masculino.

Este trabalho faz parte de um projeto mais amplo denominado “Vivências e projetos dos jovens rurais: ameaças para a reprodução social da agricultura familiar?” que investigou o que os jovens estudantes da Escola Técnica Estadual “Dr. José Luiz Viana Coutinho” de Jales (SP) (ETEC Jales), filhos(as)¹ de agricultores familiares, têm realizado, o que pensam sobre a família, o estudo, o trabalho e o lazer, e quais são seus projetos; e, ao mesmo tempo, cotejou esse conjunto de ações e planos com a visão da família, dos irmãos que já não estudavam e estavam trabalhando na propriedade familiar.

No presente trabalho, cujo enfoque se refere ao público feminino, isto é, as filhas de agricultores familiares que estudam na Etec Jales, foram analisadas, sob a perspectiva de gênero, as semelhanças e diferenças do papel desempenhado pelas jovens, especialmente no contexto familiar, que tem sido decisivas na constituição de seus projetos de vida, tendo em vista os aspectos sócio-culturais envolvidos na sua formação enquanto jovem, mulher e de origem rural.

Nesse contexto, partiu-se da hipótese de que o sexo e a educação exercem um papel fundamental nas perspectivas dos jovens de permanecerem ou não na agricultura. Algumas

¹ Nas demais citações do termo “filho”, este será tomado em seu sentido geral, incluindo indivíduos de ambos os sexos, exceto quando houver necessidade de especificar.

pesquisas mostraram que os rapazes quando possuem expectativa de herdar a terra, tem sua atividade agrícola na propriedade mais valorizada pela família do que a escolaridade; enquanto as moças vêem no estudo uma alternativa para a busca de outra atividade e não vêem perspectivas de assumir a atividade agrícola profissionalmente (SILVESTRO et al., 2001; CASTRO, 2005). A maioria das jovens almeja uma vida diferente daquela vivida por suas mães, ampliando suas possibilidades de inserção social e indicando que o território do feminino pode se apresentar sob outras formas (SIQUEIRA, 2004).

A construção de novas alternativas profissionais fora da agricultura pelos jovens de ambos os sexos não se constitui em problema social, mas quando esses jovens deixam o campo por falta de opção de trabalho e renda dentro da unidade familiar, ao ponto de comprometer a sucessão familiar ou porque fatores sociais estão restringindo fortemente sua autonomia; cabe aos cientistas sociais investigar com maior profundidade essa categoria, de certa forma, ainda pouco estudada na agricultura familiar, mas que vem ganhando a atenção de diversos pesquisadores da área, no período recente.

Embora alguns aspectos diferenciais das condições das jovens tenham sido constatados em pesquisas recentes sobre os jovens rurais, a maioria desses estudos não teve como objetivo específico as jovens, filhas de agricultores familiares.

Esta pesquisa visou analisar os fatores que influenciam a permanência ou a desvinculação do trabalho na terra por parte das jovens, filhas de agricultores familiares e alunas da ETEC Jales, com base em investigações sobre o que estas têm realizado e/ou o que pensam sobre a família, o estudo, o trabalho, o lazer e o futuro. A partir da perspectiva de gênero buscou analisar também a organização do trabalho e tomada de decisão na propriedade familiar e verificar os fatores que determinam os caminhos trilhados pelas jovens rurais que possam levar à sua permanência ou não no campo, por meio da identificação de possíveis fatores diferenciais entre moças e rapazes.

2. A PROBLEMÁTICA SOBRE SER JOVEM E MULHER NO CAMPO

a. Juventude: a difícil delimitação

Diversas definições são dadas à noção de juventude, envolvendo faixa etária, geração, modo de vida, representação social. Em alguns casos são meras definições normativas e em outros há um esforço que busca apreender qualitativamente o fenômeno. Segundo Melucci (1997) a juventude se inicia quando, na adolescência, a infância é deixada para trás e são

dados os primeiros passos para a vida adulta. Para Carneiro (2005) a juventude de um modo geral é considerada uma categoria fluida, imprecisa, variável e extremamente heterogênea.

A Organização Ibero-Americana da Juventude (OIJ, 1994) e a Organização Internacional da Juventude usam a faixa etária entre 15 e 24 anos (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS- UNESCO, 1997). De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei Federal n. 8069 de 13/07/1990), considera-se adolescente a pessoa na faixa etária de 12 a 18 anos. Já o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) classifica como jovens aqueles indivíduos que se encontram na faixa etária entre 15 e 24 anos, subdividindo-os em três fases: 15 - 17 anos (jovens - adolescentes); 18 - 20 anos (jovens - jovens) e de 21-24 anos (jovens - adultos).

No mundo rural a linha que separa a infância e a juventude da vida adulta é o casamento e a formação da prole. Assim, os estudos sobre a juventude rural devem considerar a maneira pela qual as combinações entre idade, gênero, casamento, maternidade-paternidade, trabalho e a relação com a terra operam no cotidiano (SALES, 2006). Esta mesma autora ainda destaca que, embora em diversos estudos a compreensão das etapas entre a infância e a vida adulta apareça como puberdade, adolescência e juventude, não se deve partir de critérios etários para definir a juventude.

b. O papel atribuído às jovens no meio rural

No contexto da agricultura familiar, os questionamentos sobre a juventude rural supõem o entendimento de uma dupla dinâmica social. Por um lado, a dinâmica territorial que relaciona a casa (a família), a vizinhança (a comunidade local) e a cidade (o mundo urbano-industrial). Além de espaços distintos e sobrepostos, trata-se fundamentalmente dos espaços de vida que se entrelaçam e que dão substância à experiência dos jovens rurais e à sua inserção na sociedade (CARNEIRO; CASTRO, 2007).

Brandão (1995, p.136) afirma que “quando há vizinhos por perto, parentes ou não, os grupos de idade alargam os limites da ordem familiar cotidiana e se constituem como os primeiros espaços extrafamiliares de convivência e socialização”. Nesses espaços, os jovens constroem relações com amigos, vivenciam o lazer, estabelecem relações com os meios de comunicação de massa, participam de manifestações culturais e religiosas, expressando um sentimento de pertencimento, tanto à comunidade como a grupos de jovens. Nesse sentido, as experiências cotidianas dos jovens dependem da intensidade e da riqueza da vida social existente no meio rural (WANDERLEY, 2006).

Estas dinâmicas se interligam e, através delas, emerge um ator social multifacetário que pode ser portador, ao mesmo tempo e paradoxalmente, de um ideal de ruptura e de continuidade do mundo rural (CARNEIRO; CASTRO, 2007).

Diversos estudos no Brasil e em outros países apontam para uma forte tendência, no período recente, de abandono do campo por parte dos jovens, rumo às cidades, principalmente as jovens mulheres. Este processo tem mostrado que os rapazes que permanecem no campo encontram maior dificuldade em constituir família, causando problemas sociais conhecidos, como a masculinização e o envelhecimento das comunidades rurais, que dificultam a reprodução da agricultura familiar (BRUMER et al., 2008).

A análise dos resultados do Censo Populacional de 1991 mostra que embora as mulheres fossem a maioria da população brasileira, na área rural estas representavam 48% do total; no Censo Populacional de 2000 eram 47,6% (em termos absolutos a diferença entre homens e mulheres era superior a 1,5 milhões de pessoas) e na Contagem Populacional de 2007 o percentual de mulheres era de 46,8% do total. Entre os jovens de 15 a 29 anos, já no Censo de 2000, as mulheres representavam apenas 46,6% do total da população rural (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE, 2008a, 2008b, 2008c). Outros dados revelam que em torno de 36% da população economicamente ativa no mercado de trabalho rural são de mulheres, mas elas não desfrutam dos benefícios e resultados sociais desse modelo de desenvolvimento. A mão de obra feminina tem sido absorvida nos trabalhos temporários, sem garantia de direitos e sem investimentos na formação profissional; quase dois terços das mulheres rurais engravidam entre 15 e 21 anos de idade e, quase a metade, não utiliza qualquer método contraceptivo (IBGE, 2006).

Castro (2005) ao analisar jovens de um assentamento do Rio de Janeiro aponta que há uma tensão entre “ficar e sair” e que essa “saída” é diferenciada e varia de acordo com processos de socialização no meio rural, gerando os mais diversos arranjos dos filhos com o lote da família.

Brumer et al. (2000), em pesquisa realizada com jovens filhos de agricultores familiares do Rio Grande do Sul, verificou que suas reivindicações para permanecer no campo envolvem dois aspectos principais: acesso a uma renda própria, cujos recursos eles possam decidir como utilizar e autonomia em relação aos pais.

Neste contexto, o entendimento das motivações que levam as moças a rejeitarem as possibilidades de permanência no meio rural, bem como, as relações entre meninos e meninas e sua família neste meio, são importantes ferramentas para os estudos acerca dos jovens rurais.

Boa parte dos estudos sobre mulheres rurais realizados no Brasil sempre tendeu a considerá-las a partir de seu lugar dentro da unidade de produção, focalizando sua condição de trabalhadoras não remuneradas e com baixa valorização. Ainda que esses estudos tenham revelado aspectos relevantes relacionados à situação de desigualdade das mulheres, como a sua importância nas atividades agrícolas e seu papel na reprodução social das famílias rurais, permanecem lacunas quanto a situações opostas e alternativas a essa desigualdade (SILVA et al., 2010).

Conforme afirma Santos (2002), existem identidades sexuais e identidades de gênero na sociedade. A identidade sexual é definida pelas classificações de heterossexualidade, homossexualidade e bissexualidade e refere-se às características físicas, enquanto a identidade de gênero é definida pelas categorias de masculino e feminino, e refere-se às relações entre essas categorias, ou seja, é uma elaboração cultural sobre os sexos. Nesta concepção, as diferenças entre comportamentos de homens e mulheres são resultantes da ação da cultura dominante sobre as representações e comportamentos de homens e mulheres (SANTOS, 2002, p. 41).

Assim, o conceito de gênero questiona o que é dado como natural e biológico, demonstrando que o papel da mulher na sociedade pode ser alterado com benefícios para o todo.

As relações de gênero estruturam o conjunto das relações sociais e, portanto, não existe uma oposição entre questão das mulheres (que seria específica) e questão da sociedade (que seria geral). Os mundos do trabalho, da política e da cultura também se organizam conforme inserção de mulheres e homens, a partir de seus papéis masculinos e femininos. Portanto, não existe uma luta geral e depois uma luta específica, mas em todas as situações que queremos modificar, temos que considerar a superação das desigualdades entre homens e mulheres (FARIA; NOBRE, 1997, p. 31-32).

Segundo Bourdieu (2005), é a sociedade que forma a diferença entre os sexos biológicos, de acordo com uma visão mítica do mundo, enraizada na relação arbitrária de dominação de homens sobre mulheres, que também se manifesta na realidade da ordem social através da divisão do trabalho.

Carneiro (2001) mostra que em regiões de colonização alemã e italiana, a sucessão da terra obedece ao princípio do trabalho, no qual, somente quem trabalha na terra tem direito a mesma. Buscava-se dar aos filhos homens, sobretudo ao herdeiro, um lote de terra para

manter família e às mulheres um dote e um enxoval, já que com o casamento, passaria a fazer parte do grupo familiar do marido, sendo este o responsável pelo seu sustento e dos seus filhos.

Na Espanha, entende-se que a permanência feminina no campo deve ser garantida por meio da qualidade de vida de mulheres e moças, visando à reprodução da atividade, já que o descontentamento feminino é apontado como gerador da masculinização e do celibato masculino forçado, ameaçando a reprodução da agricultura familiar (BONI, 2006). Neste país, os homens só passam a contribuir com os trabalhos domésticos a partir de sua aposentadoria, já as mulheres se dedicam mais às tarefas do lar, conciliando com o trabalho externo, quando os filhos são pequenos, voltando para o mercado de trabalho após o crescimento das crianças.

Silvestro et al. (2001) relata que na agricultura familiar os filhos e as filhas de agricultores integram-se nos processos de trabalho – auxiliando a conduzir os animais, acompanhando os pais em algumas tarefas, ajudando em casa – desde muito cedo. Aos poucos vão assumindo atribuições de maior importância e chegam à adolescência não só dominando as técnicas observadas durante sua vida, mas os principais aspectos da própria gestão do estabelecimento. As moças são destinadas as atividades relacionadas ao espaço doméstico, enquanto aos rapazes cabem as atividades relacionadas à propriedade - cuidar dos animais, plantios, etc. - que configuram distintos papéis aos jovens de ambos os sexos, determinando uma condição de subordinação das mulheres no meio rural, embora possam trabalhar de igual para igual na propriedade, o papel das mulheres é tido sempre como ajuda.

A iniciativa dos jovens (e especialmente das jovens) que vivem no interior da agricultura familiar encontra-se fortemente inibida, não só por razões econômicas, mas também pela natureza da relação entre gerações e entre gêneros. Isso significa que a relação das jovens com sua família e a sua valorização, tanto através da educação formal recebida quanto pelas suas habilidades adquiridas, vai definir suas estratégias de vida (SILVESTRO et al., 1998).

No contexto familiar rural brasileiro há uma clara demarcação entre as esferas do doméstico e do público circunscritas aos limites do lar e da roça, estabelecidos pela divisão do trabalho e pela atribuição de determinados papéis ao masculino e feminino. A construção dos domínios doméstico e público no meio rural, desde a época colonial, reflete a forte base patriarcal dessa sociedade, em que os homens possuíam o poder absoluto e estavam associados ao domínio público da vida, enquanto que as mulheres estavam confinadas ao espaço doméstico e delas se esperava um comportamento subserviente (FREIRE, 1975).

Ainda que homens e mulheres trabalhassem juntos, a referência feminina estava ligada à esfera doméstica.

Os rapazes envolvem-se nas atividades desenvolvidas pelos pais, enquanto que as moças restringem-se ao apoio às atividades desempenhadas pela mãe (BRUMER, 2004). Ao mesmo tempo, a família mantém maior controle sobre as mulheres, “principalmente as jovens”, que são proibidas ou sofrem muitas restrições quanto à circulação dentro e fora do espaço local (assentamento, bairro rural, etc.) (CASTRO, 2005).

Aguiar et al. (2008) observaram que o grau de participação das filhas nos processos de tomadas de decisão é maior, menor ou nulo conforme a sua maior, menor ou não participação em atividades consideradas “produtivas” para a unidade familiar. Isto sugere segundo as autoras, que os sistemas de produção adotados na unidade familiar, podem favorecer mais ou menos a maior ou menor participação das jovens mulheres nos processos de decisão e provocar alterações na maneira de se fazer a gestão da propriedade.

Stropasolas (2002) verificou, em sua pesquisa, que as moças saem do meio rural para estudar e não regressam mais às comunidades rurais. Ao buscar os estudos as jovens recusam o casamento com os filhos de agricultores, porque isso representa a continuidade da condição social da mulher na agricultura. Para o autor, o casamento tem significados diferentes para homens e mulheres: para os homens, casar significa a garantia de continuidade da produção familiar; para as mulheres, o casamento representa a continuidade de uma vida de sujeição à vontade dos outros. Esse aspecto negativo do casamento decorre do fato de que poucas jovens tem acesso à terra, apresentam dificuldades em contar com uma renda própria, possuem baixa participação na gestão dos recursos financeiros da família e são pouco valorizadas nas atividades que desempenham (CASTRO, 2005).

Segundo Brumer (2004), as mudanças de aspirações que têm influenciado esse processo de migração rural-urbana dos jovens, e, sobretudo das moças, são decorrentes do desenvolvimento dos meios de comunicação e de transporte que aproximam os espaços rurais e urbanos, proporcionando, assim, um maior contato entre os jovens desses dois espaços e facilitando o acesso a outros tipos de informação.

Por outro lado, a pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira” (2003), iniciativa do *Projeto Juventude/Instituto Cidadania*, realizada em áreas urbanas e rurais de todo território nacional, abrangendo jovens de 15 a 24 anos de ambos os sexos, aponta que a maioria dos homens trabalha e entre as mulheres predominam as que estão desempregadas ou nunca procuraram emprego. Na faixa de 21 a 24 anos, 60% dos jovens do sexo masculino e 34% dos jovens do sexo feminino trabalham, enquanto que 32% dos rapazes e 46% das moças já

trabalharam e estão desempregados(as); na faixa de 15 a 17 anos, 47% dos rapazes e 25% das moças estão trabalhando, enquanto 29% dos rapazes e 35% das moças já trabalharam e estão desempregados(as). Estes dados indicam que, no mercado de trabalho em geral, a condição de ser mulher traz maior dificuldade de inserção e permanência no mercado, ou seja, sair nem sempre é uma opção exequível.

Este conjunto de questões que envolvem as jovens rurais são desafiadores em função da complexidade que apresentam e demandam novos estudos. Esta dissertação visa dar uma pequena contribuição nesse sentido.

c. O papel da escolarização como estratégia e formação da identidade das jovens rurais

De acordo com Durston (1999) existem diferenças entre a educação e as estratégias de vida dos jovens do sexo masculino e dos jovens do sexo feminino. Muitas jovens procuram concentrar-se nos estudos, considerando que um maior conhecimento, tem grande importância na sua independência, sendo um recurso importante nas estratégias de vida pessoal.

Whitaker (2002) enfatiza que, em relação às meninas, sempre se desenvolvem menos expectativas e aspirações no que se refere à educação escolar e trabalho, o que pode ocorrer com maior ou menor intensidade em qualquer camada ou espaço social. Porém, embora o estigma dos deveres e trabalhos domésticos, principalmente em espaços rurais, ainda marque diversas mulheres, observa-se que as expectativas e os padrões em relação às meninas estão em transformação.

No que se refere ao processo de escolarização, é importante salientar que a esta não se refere apenas à inserção e permanência dos sujeitos no universo da educação escolar/educação formal, mas diz respeito principalmente aos aspectos sociais que perpassam a questão, repercutindo diretamente na formação social e construção de trajetórias de vida de crianças e jovens (LIMA, 2010).

O significado da escola e do saber escolar é distinto para meninos e meninas, já que, ao observar a dinâmica extraclasse, percebe-se que o espaço escolar é vivenciado de distintas formas, constituindo-se como local de estudar, de bater papo, de namorar, ou seja, um espaço de relações sociais. Ir à escola e estar na sala de aula parece não ser a mesma coisa para os/as jovens (QUEIROZ, 2009).

Segundo Paoli (1999), a educação e a escola são integrantes de uma ordem civilizadora em desenvolvimento na sociedade e se configuram como processos necessários,

eminentemente sociais e políticos. Seus objetivos básicos devem ser a instrução, o conhecimento, a formação, a promoção do saber-fazer e saber-pensar, além de assegurar a possibilidade de integração social.

Louro (2003) destaca que a escola, por meio de símbolos e códigos, delimita espaços, institui modos de ação e produz identidades de gênero ao informar o lugar dos meninos e das meninas. Pode-se dizer que os discursos e práticas escolares encerram múltiplos e discretos mecanismos que escolarizam e distinguem os corpos e as mentes de alunos e alunas, que vão construindo seus padrões diferenciais de comportamento e assimilando o modelo com o qual devem se identificar para serem “mais homens” ou “mais mulheres”. No entanto, a escola também pode assumir um papel significativo na formação desses jovens, na construção da identidade e de seus projetos de vida, cotejando ações que possam definir novas possibilidades de relações entre os gêneros e servir como base para a autonomia de moças e rapazes.

Muitos dos sentidos ligados à escola passam hoje pela dimensão da sociabilidade, da convivência entre os jovens e da construção de projetos de vida (SPÓSITO, 1997; DAYRELL, 2005). Ainda, para Pais (2003a), “torna-se necessário que os jovens sejam estudados a partir de seus *contextos vivenciais, cotidianos*, porque é cotidianamente, (...) isto é, no curso das suas interações, que os jovens constroem formas sociais de consciência, de pensamento, de percepção e ação” (PAIS, 2003a, p.70). Daí a relevância da valorização do lugar social da juventude rural, com suas especificidades para entender as relações entre esses atores e a escola, bem como para definir os diferentes espaços ocupados por meninos e meninas no meio rural.

Embora a educação escolar, historicamente, tenha sido negada ou restringida aos homens e mulheres do campo, observa-se que os/as jovens rurais têm atualmente maiores chances de continuar os estudos, ao contrário das gerações anteriores (ABRAMOVAY et al, 2004; STROPASOLAS, 2006).

Alguns estudos revelam que a escola pode ser vista pelos jovens como um espaço extremamente importante para superação das condições existentes, sobretudo no que diz respeito ao trabalho no campo. Segundo Carneiro (2005, p.2) “(...) a valorização do estudo como condição para o jovem do campo conseguir um emprego está, em grande parte, associada ao abandono da atividade agrícola”.

No que concerne às jovens, estas são orientadas para o estudo, já que não existem perspectivas de sua permanência no meio rural, pois a transmissão do patrimônio familiar está, via-de-regra, atrelada ao sexo e à ordem de nascimento (STROPASOLAS, 2006). Assim,

o prolongamento da aprendizagem/escolarização por parte das jovens se deve, em muitos casos, à busca por melhores condições de vida e ao afastamento do meio rural.

Para Spanevello (2003), os rapazes possuem oportunidades limitadas de estudo em comparação às moças porque têm mais obrigações na lavoura. Há ainda a preferência por eles na sucessão dos pais como chefes da propriedade rural. Por sua vez, entre as meninas, no período mais recente, com mecanização e automatização de vários processos de trabalho, o trabalho costuma ser restrito a tarefas domésticas, o que torna mais “fácil” conciliar os estudos com as atividades diárias em casa.

O acesso ao estudo para as moças vai muito além da conquista da independência familiar e da possibilidade de emprego na cidade, uma vez que a formação educacional fortalece seus planos futuros “(...) com amplitudes que se estendem até outras dimensões do campo profissional e da vida, vendo no acesso aos estudos a possibilidade de questionar padrões, conceitos e comportamentos, sobretudo aqueles que restringem a sua liberdade no espaço rural” (STROPASOLAS, 2006, p.306).

Algumas pesquisas revelam que a escolha do curso técnico/especialização tem influência a partir do sexo, assim os jovens do sexo masculino tem mostrado certa preferência por cursos voltados a área agrícola, já as jovens tem preferência por cursos distintos do âmbito agropecuário. Este fato aponta para as mudanças no modo de vida dessas jovens que partem em busca de uma vida “melhor” na cidade, juntamente com a não identificação com a vida e, especialmente, com o trabalho no campo; percebe-se ainda que, frequentemente, permanece no campo o filho (a) que possui menor grau de escolaridade (ABROMOVAY et al.,2004)

Dessa forma, a escola tem condições de desempenhar um importante papel na formação dos filhos e filhas de agricultores familiares, podendo contribuir para que os processos sucessórios e de reprodução social no meio rural não sejam comprometidos, dependendo da proposta político-pedagógica e do tipo de conteúdo privilegiado nos currículos, assim como das condições locais em termos de emprego e geração de renda. Assim, a mudança no processo histórico de subordinação da mulher no campo deve voltar-se às ações que possam valorizar a jovem mulher rural, como agente de desenvolvimento e como uma categoria específica de transformação do meio em que vive.

2.4 Mulheres em escolas técnicas: dificuldades e desafios

As escolas técnicas agrícolas de nível médio são retratadas culturalmente como “lugar de homem” (CUNHA et al., 2006). O número de jovens do sexo feminino que ingressam e conseguem concluir os estudos em escola técnica agrícola é extremamente inferior em relação aos jovens do sexo masculino, uma vez que nesse espaço escolar e posteriormente, no mercado de trabalho, as relações desiguais de gênero têm desestimulado a participação das meninas.

Para Guerra et al. (2004) as escolas de formação agrícola têm uma importância estratégica para reverter o processo de socialização vigente: possibilitar uma formação que prepare competentemente as mulheres para o mundo do agronegócio e, ao mesmo tempo, fazê-las acreditar que é possível construir uma sociedade com oportunidades iguais para homens e para mulheres, tanto no campo quanto na cidade. Mas segundo estes autores, ainda prevalece a existência de nexos que reforçam a exclusão das mulheres entre o setor da formação e o setor da produção agropecuária: de um lado as escolas voltadas “naturalmente” para atender a um público masculino e do outro, os empregadores que não disponibilizam alojamento feminino (assim como as escolas) e vêem nos homens as habilidades necessárias para o desempenho da função de técnico agrícola.

Entre as maiores dificuldades encontradas pelas mulheres que optam por estudar em escolas agrícolas diz respeito ao desenvolvimento das atividades em campo, já que algumas pesquisas revelam que as mulheres preferem desenvolver atividades burocráticas e as próprias empresas não desejam adquirir como profissional de campo uma mulher. Embora haja muitas transformações neste setor e o espaço adquirido pela mulher no campo tem se ampliado, falta muito para que as relações entre homens e mulheres sejam igualitárias e a escolha profissional como técnica agrícola significa um duro desafio a ser enfrentado, pois é necessário vencer o preconceito ainda existente.

Em estudo realizado por Alves et al. (2006) analisou-se a partir das relações de gênero as trajetórias escolares e ocupacionais de mulheres trabalhadoras da cidade de Alagoinhas/BA nos cursos de EJA (Educação de Jovens e Adultos) com o foco da elevação de escolaridade integrada à qualificação profissional. Nos relatos percebeu-se que a visão da mulher sobre a sua própria condição de cidadã, no passado e também no presente que vivenciavam é inferiorizada e que há preconceito por parte dos companheiros em relação ao desejo da mulher em trabalhar e estudar, essas tendem a permanecerem em categorias profissionais

menos valorizadas (vinculadas às áreas do cuidar e servir) do que aquelas tradicionalmente destinadas aos homens.

Todavia, a busca incessante de homens e mulheres por qualificação pode levar a uma interpretação precipitada de que “as possibilidades de inserção de um indivíduo no mercado depende (potencialmente) da posse de um conjunto de saberes, competências e credenciais que o habilitam para a competição pelos empregos disponíveis...” (GENTILI, 2002, p. 180). Neste sentido, o prolongamento da escolarização por parte dos jovens se configura como uma estratégia de obtenção de seus planos futuros e garantia de sobrevivência no mercado de trabalho, que ao mesmo tempo está cada vez mais exigente e seletivo.

Desta forma, percebe-se que a inserção do técnico ou técnica agrícola no mercado de trabalho não é só uma questão de competência profissional. Pelo contrario, é resultante da forma como as relações sociais entre homens, e mulheres são materializadas culturalmente (GUERRA et al., 2004). No entanto, as mudanças nessa concepção devem abranger a escola, os pais e os alunos para que o desafio da inserção da mulher como técnica agrícola seja superado e essas possam mostrar o real desempenho de suas atividades no campo.

3. POLÍTICAS PÚBLICAS VOLTADAS AOS JOVENS NO BRASIL

Sposito e Carrano (2003), refletindo sobre as análises de Rua (1998), consideram que as políticas públicas para os jovens no Brasil, diferente do conjunto da América Latina, não se configuram como tal, ou seja, não buscam respostas específicas para problemas de natureza política e permanecem como “estado de coisas”².

As políticas públicas brasileiras, de um modo geral são determinadas sem a reflexão das peculiaridades desses sujeitos, o que acarreta a exclusão de muitos que encontram-se ainda sobre a condição juvenil (ARAUJO, 2007).

Houve algumas mudanças a partir da elaboração do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei Federal nº 8069 de 13/07/1990) e alguns programas, durante o governo FHC, foram elaborados para os jovens, como o Programa Saúde do Adolescente e do Jovem (Ministério da Saúde); Programa Especial de Treinamento (PET- Ministério da Educação) e Prêmio Jovem Cientista (Ministério da Ciência e Tecnologia) (SPOSITO; CARRANO (2003). No entanto, até recentemente, as políticas públicas eram restritas ao universo do jovem e/ou adolescente, de até 18 anos. O debate público e a mobilização que ocorreram em

² “Estado de Coisas”, segundo Ruas (1998), seria uma expressão que caracteriza processos de natureza social que ainda não se tornaram problemas de natureza política, com respostas específicas e com agenda pública.

torno do Estatuto da Criança e do Adolescente foram decisivos para a visibilidade dada aos direitos da infância e adolescência e às políticas públicas destinadas a essa faixa etária (COELHO, 2007).

A partir disso, as políticas públicas passaram a incluir as questões relacionadas à juventude, de forma mais consistente, por motivos emergenciais, já que os jovens são os mais atingidos pelas transformações no mundo do trabalho e pelas distintas formas de violência física e simbólica que caracterizam o século XXI (SECRETARIA NACIONAL DA JUVENTUDE, 2006).

O Governo Federal passou a reconhecer que a juventude não é única, mas sim heterogênea, com características distintas que variam de acordo com aspectos sociais, culturais, econômicos e territoriais. Este novo olhar inaugurou uma nova concepção de política pública, que considera a juventude como um segmento social portador de direitos e protagonista do desenvolvimento nacional (BRASIL, 2003). Essa mudança teve como marco importante a criação, em 2004, do grupo interministerial que levantou os principais programas federais para esse segmento populacional e realizou um diagnóstico da situação dos jovens brasileiros, tendo como resultado a implementação pela Secretaria Nacional de Juventude³ da Política Nacional de Juventude. O momento, portanto, revelou a prioridade conferida à juventude, estimulou o desenvolvimento de novas ações e a consolidação de práticas que buscam garantir direitos e oferecer oportunidades aos jovens brasileiros (GUIA DE POLÍTICAS PÚBLICAS DA JUVENTUDE, 2006).

Entre os destaques dessa política temos os programas: Programa Universidade para Todos (Prouni); Programa de Educação para Jovens e Adultos (Proeja); Programa Nacional de Inclusão de Jovens (PNIJ - Jovem Aprendiz), entre outros programas que vieram enfatizar a importância das ações de cidadania e inclusão voltadas a este segmento, bem como, para proporcionar melhores condições aos jovens, principalmente aos mais carentes. Entretanto, como essas políticas públicas foram implantadas recentemente, faltam estudos específicos para determinar os resultados efetivos da aplicação dessas políticas e o alcance da população jovem que teve acesso a tais benefícios.

³ A Secretaria Nacional de Juventude (SNJ) é responsável por articular os programas e projetos, em âmbito federal, destinados aos jovens na faixa etária entre 15 e 29 anos; fomentar a elaboração de políticas públicas para o segmento juvenil municipal, estadual e federal; interagir com o poder Judiciário e Legislativo na construção de políticas amplas; e promover espaços para que a juventude participe da construção dessas políticas (GUIA DE POLÍTICAS PÚBLICAS DA JUVENTUDE, 2006).

Apesar dos recentes avanços em relação às políticas públicas direcionadas à juventude, para aqueles que vivem no campo e particularmente para as jovens rurais, as políticas de acesso a condições mínimas de educação, trabalho e disponibilidade de créditos ainda são bastante deficientes.

Sobre as questões referentes às políticas públicas voltadas para os jovens inseridos no meio rural, ressalta-se a necessidade de implantação de programas que estimulem a participação e a permanência destes nas atividades desenvolvidas do meio rural que não devem se restringir às atividades agrícolas. Há várias dimensões da vida do jovem rural completamente ausente das políticas públicas, como são os casos do lazer e da saúde na maioria das pequenas localidades rurais (TROIAN et al., 2009).

Atualmente, além dos programas ligados à educação (Pronea e Educação do Campo) algumas iniciativas foram criadas pelo governo federal, como programas que inserem a juventude no contexto rural (SANT'ANA et al., 2010). Dentre esses programas temos o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), direcionado aos jovens rurais - o PRONAF Jovem - é uma iniciativa do governo federal para incentivar a permanência do jovem no campo e evitar o êxodo rural, com uma linha de crédito especial para jovens agricultores que fazem parte de uma unidade de agricultura familiar já reconhecida pela Secretaria de Agricultura Familiar. Esta linha de crédito é destinada para jovens agricultores familiares com idade entre 16 e 25 anos, que cursaram, cursam ou estejam em centros de formação por alternância de nível médio e/ ou cursos profissionais voltado para atividades agropecuárias. Tem por finalidade o investimento e custeio para atividades agropecuárias, turismo rural, artesanato e outros desenvolvidos no meio rural de interesse do jovem agricultor rural. Pode-se utilizar até R\$ 6.000,00 com taxa de juros de 1% ao ano e prazo de pagamento de até dez anos e com carência de três anos (MDA, 2008).

Muitos agentes de extensão rural, no entanto, revelam que os jovens em sua maioria não têm conseguido acesso a tais créditos, devido aos entraves burocráticos impostos pelas agências financiadoras.

Já o Programa Nacional de Crédito Fundiário (PNCF), desenvolvido pela Secretaria de Reordenamento Agrário do Ministério do Desenvolvimento Agrário (SRA/MDA), foi criado para atender a uma antiga reivindicação do movimento sindical dos trabalhadores e das trabalhadoras rurais. O objetivo do Programa é diminuir a pobreza no campo e melhorar a qualidade de vida dos trabalhadores rurais por meio da concessão de linhas de crédito para a compra de imóvel e investimentos em infra-estrutura básica (construção de casas, estradas, instalação de energia elétrica e rede de abastecimento de água), produtiva (assistência técnica,

infra-estrutura produtiva, investimentos iniciais na produção) e projetos comunitários. As linhas de crédito são específicas: Combate à Pobreza Rural (para trabalhadores rurais sem terra), Nossa Primeira Terra (voltada para jovens rurais de 18 a 24 anos) e Consolidação da Agricultura Familiar (destinada aos pequenos produtores) (MDA, 2008).

Segundo Abramovay (2005) as políticas de desenvolvimento rural voltadas para a juventude não podem limitar-se à agricultura, tendo em vista que a agricultura familiar é multifuncional e pluriativa. Segundo este mesmo autor, os futuros agricultores (jovens) serão cada vez mais pluriativos, assim sendo, suas rendas dependerão da agricultura, mas também de outras atividades. Quanto mais os jovens estiverem preparados para essas “novas atividades”, entre as quais se destacam aquelas voltadas à valorização da própria biodiversidade existente no meio rural, maiores suas chances de realização pessoal e profissional.

Neste contexto, políticas públicas voltadas para este segmento devem considerar tais fatores, além de priorizar a dinâmica desta categoria no contexto rural e sua autonomia frente às decisões, propiciando um ambiente favorável à constituição da sua identidade e a integração de ações de desenvolvimento, visando propiciar condições para a possível permanência dos (as) jovens no campo.

4. PERSPECTIVAS TEÓRICO METODOLÓGICAS E TÉCNICAS DE PESQUISA

A orientação teórico-metodológica desta pesquisa teve como base o conceito de estratégias, tal como tratado por Bourdieu (1990), para analisar as ações e os projetos dos jovens e, particularmente, das jovens rurais. As estratégias são ações que:

(...) embora não sejam produto de uma aspiração consciente de fins explicitamente colocados a partir de um conhecimento adequado das condições objetivas, nem de uma determinação mecânica das causas, mostram-se objetivamente ajustadas à situação. (BOURDIEU, 1990, p. 23)

A organização da análise em torno do conceito de estratégias significa privilegiar as ações dos sujeitos na construção de suas trajetórias de vida, mas sem desprezar os condicionantes e as limitações (que são *dadas* pelas condições gerais da sociedade envolvente

ao nível imediato e sincrônico, mas que também podem ser cambiantes ao nível diacrônico)⁴ relativas às características das famílias, ao contexto da sociedade envolvente e ao processo histórico mais geral (SANT'ANA, 2003).

Bourdieu (1994), citado por Sant'Ana (2003), divide as estratégias de reprodução em cinco classes que estariam presentes em todas as sociedades, mas com formas e pesos diferenciados: as estratégias de investimento biológico (das quais as mais importantes são aquelas ligadas à fecundidade e as profiláticas – o cuidado com o corpo); as estratégias sucessórias; as estratégias educativas (escolar e familiar⁵); as estratégias de investimento econômico; e as estratégias de investimento simbólico que visam conservar ou ampliar o capital de reconhecimento (social, político, etc.) do grupo. As estratégias formariam, de acordo com o autor, um sistema cronologicamente articulado, de modo que uma estratégia pode substituir a função de outra ou ser mais importante do que outras em determinado contexto ou de acordo com o ciclo de vida da família. Sant'Ana (2003) acrescenta que pode haver também uma complexa rede de interrelações e combinações entre essas diversas classes de estratégias.

Entende-se, portanto, que a vinculação com a terra é um processo dinâmico em que os projetos (familiares e individuais) vão sendo construídos e modificados ou mesmo abandonados em função de mudanças, ao longo do tempo, na estrutura familiar, nas relações de poder/autoridade que perpassam as famílias e no contexto socioeconômico em que a família está inserida (SANT'ANA, 2003).

Em relação à questão de gênero considera-se, como Sanchis et al. (2004), que a análise de gênero não significa centrar-se exclusivamente nas mulheres. Na verdade, uma análise de gênero exige estudar comparativamente o que está acontecendo a homens e mulheres. Também é importante destacar o caráter de construção social ligado a essa noção como revelam Brumer e Paulilo (2004):

Enquanto a categoria “sexo” diz respeito a categorias biológicas associadas ao homem e à mulher, a noção de gênero abrange a idéia de que a sociedade, por razões culturais, sociais, econômicas e políticas atribui diferentes papéis a ambos os sexos. Assim, as características biológicas de homens e mulheres são herdadas, enquanto as

⁴ Antuniassi, Aubrée e Chonchol (1993) associam a noção de trajetória à dimensão diacrônica que liga o conjunto das circunstâncias às estratégias. Deve-se, no entanto, ressaltar que as estratégias também possuem uma dimensão diacrônica e que a determinação é recíproca, as estratégias contribuem na construção das trajetórias.

⁵ As estratégias educativas familiares incluem as estratégias éticas que visam inculcar a submissão dos interesses dos indivíduos aos do grupo/ família.

diferenças de gênero são construídas socialmente: portanto, podem variar no tempo e no espaço e são sujeitas as mudanças. E é somente através do reconhecimento dessas diferenças e da luta para mudar o quinhão das mulheres que se pode tornar as relações de gênero mais equitativas (BRUMER; PAULILO, 2004, p. 171).

Com o auxílio do método de análise de discurso foram realizadas as discussões em relação aos depoimentos dos pais e dos jovens rurais de ambos os sexos, com o intuito de compreender as falas e reconhecer seus significados e seu valor no contexto em que esses atores estão inseridos. Putnam et al. (2001), definem análise do discurso como sendo o estudo de palavras e expressões, tanto a forma quanto o uso no contexto, além dos significados ou interpretações de práticas discursivas.

Em termos de técnicas de pesquisa, inicialmente foi realizada uma revisão bibliográfica sobre as jovens rurais e sobre metodologias de pesquisa que possam ser mais adequadas para a abordagem deste segmento social. Foram realizados levantamento e sistematização de dados gerais sobre a região de Jales, particularmente de aspectos ligados ao meio rural e as jovens, e, por meio de visitas específicas, foi feita a caracterização da Etec de Jales (SP) e de seus alunos. Também foram coletados dados secundários de instituições como o Centro Paula Souza, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a CATI (Coordenadoria de Assistência Técnica Integral) e a Fundação Seade (Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados).

Como já foi mencionado anteriormente, a pesquisa com as jovens, filhas de produtores familiares e que estudam na Etec Jales, fez parte de uma investigação mais ampla que incluiu também os alunos do sexo masculino (que formam a grande maioria dos estudantes da Etec Jales).

Por meio de um levantamento inicial realizado, em 2007, em 14 turmas de nove cursos⁶ da Etec Jales, constatou-se que era expressivo o número de alunos, cujos pais eram produtores rurais, sendo a grande maioria destes agricultores familiares.

Os dados do presente trabalho originam-se, da aplicação de um questionário, no segundo semestre de 2009 e primeiro semestre de 2010, a 79 alunos da Etec Jales. Este total corresponde a todos os alunos, jovens filhos de produtores rurais, que estavam presentes na Escola nos dias da pesquisa e se apresentaram para a pesquisa⁷. Após análise preliminar, 10

⁶ Os cursos são: Técnico Informática, Web Design, Marketing e Vendas, Gestão da Empresa Rural, Agroindústria, Técnico em Agricultura, Técnico em Produção Agropecuária Integrado ao Ensino Médio, Técnico em Alimentos e Ensino Médio Regular.

⁷ A coordenadora pedagógica da Etec Jales, o professor presente na sala ou um membro da equipe passava na sala e perguntava quem dentre os presentes era filho de produtor rural, convidando-os em seguida para

questionários foram excluídos da tabulação, pois filhos de grandes produtores não familiares também se apresentaram para responder as questões (avaliou-se que dispensá-los no momento da pesquisa poderia parecer algum tipo de discriminação), mas os dados destes alunos foram excluídos deste trabalho, pois causavam distorção na amostra (áreas muito grandes, acima de 1000 hectares e utilização quase exclusiva de trabalho assalariado). Casos intermediários, como propriedades médias (acima de 100 hectares), mas com uso de trabalho basicamente familiar foram mantidos. Alguns filhos de produtores não foram pesquisados, pois já tinham constituído família e autonomia em relação aos pais, além terem mais de 30 anos, não se enquadrando, por este conjunto de características, como jovens. Do total de 69 questionários válidos, somente 13 foram respondidos por estudantes do sexo feminino.

O questionário, aplicado aos alunos da Etec Jales, filhos de produtores familiares da região, possuía algumas questões específicas dirigidas aqueles alunos de cursos técnicos ligados à agropecuária (Técnico em Produção Agropecuária Integrado ao Ensino Médio, Técnico em Agropecuária, Técnico em Produção de Cana-de-açúcar, Técnico em Agronegócios e Técnico em Agroindústria) e outras específicas para os estudantes vinculados a outros cursos. O questionário foi constituído de questões que visavam caracterizar a família e a unidade de produção agropecuária (o conhecimento dos jovens sobre a mesma), além de informações sobre o trabalho, o estudo, o lazer e as demais atividades realizadas pelos jovens, sua participação nas decisões familiares relativas à unidade agropecuária familiar; seus os planos e projetos (Apêndice 1).

Na segunda fase da pesquisa foi ampliada a revisão bibliográfica sobre as jovens rurais e sucessão rural, além de atualizações dos dados da escola Etec Jales, já que no início do primeiro semestre de 2010 alguns cursos mudaram de nome⁸. Em seguida também foram efetuadas as entrevistas coletivas com parte dos alunos que haviam respondido ao questionário na primeira fase da pesquisa.

Para a realização das entrevistas coletivas foram formados cinco grupos de alunos, escolhidos por meio de características identificadas a partir da tabulação dos dados do questionário e de aspectos considerados relevantes para o tema da pesquisa.

Para compor o primeiro grupo, denominado “Veteranos” (alunos que haviam ingressado a mais de um ano na escola), foram selecionados de forma aleatória sete alunos

participar da pesquisa. Mas como em alguns momentos não detalhava suficientemente o perfil dos alunos, alguns filhos de produtores não familiares ou de empregados rurais também dirigiram-se para responder o questionário..

⁸ O curso Técnico em Gestão da Empresa Rural hoje é Técnico em Agronegócio, Técnico em Marketing e Vendas (18 meses), hoje é somente Técnico em Marketing e o Técnico em Web Design hoje se denomina Técnico em Informática para Internet.

dos últimos períodos do curso, sem outra característica especial. A seleção ocorreu dessa forma para esse grupo, pois, julgou-se que alunos já no final do curso podem ter uma visão mais consolidada em relação aos assuntos tratados na entrevista. Para verificar um possível contraste com o primeiro grupo, também foi formado um grupo chamado de “Iniciantes” (alunos que haviam ingressado em 2010 na Escola), composto de cinco ingressantes no curso em 2010 (este grupo, com a ausência de um integrante do sexo feminino, acabou sendo composto somente por garotos).

Para o terceiro grupo, denominado “Diversidade” (alunos que apresentavam diferentes características da propriedade, da família e de projetos – dados levantados por meio do questionário), foram selecionados nove alunos com características diferenciadas em termos de pretensões para o futuro, frequência que retornavam à propriedade, local de moradia e tamanho da propriedade.

O quarto grupo que seria formado por alunos de outros cursos (não ligados à agropecuária), acabou sendo uma entrevista com uma dupla de alunos do curso de Técnico em Alimentos, pois no dia da entrevista uma forte chuva impediu que os demais membros do grupo estivessem presentes.

O quinto grupo foi composto somente por garotas com objetivo de verificar, sem constrangimentos, algumas questões específicas que poderiam indicar diferenças de gênero.

As entrevistas coletivas de todos os grupos foram gravadas e conduzidas pelo professor coordenador da pesquisa, por meio de um roteiro previamente elaborado com questões relacionadas ao trabalho na propriedade, à sucessão e possíveis sucessores da propriedade e aos planos futuros (Apêndice 2). O roteiro da entrevista coletiva do grupo “Meninas” abordou também questões específicas, envolvendo possíveis diferenças nas relações de gênero em relação ao trabalho desenvolvido na propriedade; participação nas decisões; motivações e perspectivas de permanência na propriedade; a relação com os pais; atividades de lazer no meio rural ; o motivo da escolha do curso; o significado da escola e o atendimento das expectativas; o percurso escolar e o desenvolvimento das atividades dentro da escola agrícola; o mercado de trabalho e planos futuros, visando compreender o papel dessas relações no processo de tomada de decisão no meio em que vivem, assim como a influência da escolarização na vida dessas jovens (Apêndice 3). Enquanto o professor conduzia a entrevista, outros membros da equipe faziam anotações complementares que auxiliaram na posterior transcrição e registravam também aspectos não verbais do comportamento do grupo de alunos durante a entrevista. Em seguida, o conteúdo das entrevistas foi transcrito e analisado, juntamente com as anotações complementares.

As questões formuladas nas entrevistas foram realizadas por meio de perguntas orais, em seguida os alunos redigiam a resposta individualmente (para evitar efeito de “contaminação” das respostas, em que o participante subsequente adota o mesmo padrão de resposta do anterior) e depois liam para todos do grupo as suas respostas (era dada ao aluno a opção de não expor a resposta, mas somente um aluno optou por não fazer a leitura de uma das respostas). Posteriormente iniciava-se a discussão, com o estímulo do coordenador. Em alguns momentos o coordenador solicitava que o aluno comentasse o significado ou detalhasse a resposta ou então consultava o grupo para verificar se pensavam do mesmo modo ou se o fato ocorria da mesma forma com outros alunos ou em suas famílias. As entrevistas serviram para colocar em debate questões levantadas no questionário e outros aspectos não tratados na abordagem individual. Ao mesmo tempo o debate permitiu também obter pistas sobre outras estratégias, como as simbólicas, especialmente o tipo de reconhecimento social e político que esperam conseguir a partir de sua formação profissional.

Em seguida os dados dos questionários foram tabulados e analisados de forma preliminar, visando definir os temas e questões a serem tratados nas entrevistas coletivas com os pais dos alunos.

As entrevistas com os pais dos alunos foram realizadas nas propriedades rurais e quase sempre envolviam algum tipo de exploração da mesma, antes ou mais comumente depois da entrevista. Inicialmente era preenchida uma ficha na forma de um questionário curto (Apêndice 4), com dados básicos da família e da propriedade, visando aferir algumas informações prestadas pelos jovens. Também foram incluídas nas fichas duas questões que envolviam escolha de alternativas e que serviu para comparar com as respostas dos filhos. Esta ficha também teve um papel de descontrair o ambiente antes de iniciar a gravação da entrevista com os pais.⁹ O roteiro da entrevista (Apêndice 5) abordou questões relativas à Etec Jales, o que pensavam do futuro dos filhos e da sucessão da propriedade, e também buscou avaliar o grau de satisfação dos pais em relação ao trabalho e a vida rural. No total foram entrevistados 19 (27,5% do total de 69) pais de alunos que responderam ao questionário. Na maioria dos casos as entrevistas foram realizadas com a presença e participação do pai e da mãe do jovem e às vezes estavam presentes também outros membros da família (irmãos e avós), mas em alguns casos somente um membro da família participou da entrevista (pai, mãe e, em um caso, o avô). No caso específico das jovens foram entrevistados 4 pais de alunas,

⁹ Como todas as entrevistas foram gravadas, normalmente há um certo desconforto por parte dos pesquisados quando se utiliza o gravador de imediato, podendo intimidá-los. A ficha escrita permite iniciar a *conversa* e permite terem uma espécie de apresentação prévia do que será tratado na entrevista, de modo a se sentirem mais à vontade ao responder as questões pertinentes à pesquisa.

sendo que a maioria das entrevistas foi acompanhada pela mãe e o pai, somente em um caso foi entrevistado apenas o pai, porque a mãe não se encontrava no momento. O número reduzido de entrevistas realizadas com os pais das jovens se deu principalmente pelas dificuldades em encontrá-los nos respectivos estabelecimentos durante o período da pesquisa ou pela dificuldade de agendamento da data da entrevista por telefone, dependendo da área em que fica localizado o estabelecimento isto não foi possível.

O roteiro da entrevista realizada com o Diretor da Etec Jales abordou o histórico da instituição, a situação atual, o destino dos egressos, as perspectivas para o futuro, dentre outras questões (Apêndice 6).

Após o trabalho de campo, os dados das entrevistas foram transcritos e dos questionários tabulados. Em seguida o conjunto das informações e dados foram analisados e redigida a dissertação.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente serão apresentadas as características da região de Jales e da Etec Jales, além das características gerais dos filhos (as) de produtores rurais e alunos da Etec Jales que fizeram parte da pesquisa mais ampla, mas, ao mesmo tempo, serão destacados alguns resultados específicos referentes ao pequeno grupo de alunas que compõe este universo. Em seguida será feita uma abordagem centrada nas meninas, visando avaliar sua inserção na família, no trabalho e na escola, além da percepção das mesmas sobre diversos temas de interesse da pesquisa.

6.1. Características da região de Jales

A região Jales¹⁰ situa-se no extremo noroeste do Estado de São Paulo e é formada por 22 municípios que possuem, aproximadamente, 319.420,4 hectares e 9.464 unidades de produção agropecuária (UPAs), sendo que somente o município de Jales abrange 1.248 que ocupam 33.542,2 hectares (LUPA, 2008). De acordo com a Fundação Seade (2009), apresenta índices de longevidade e escolaridade superiores à média estadual, já em termos de riqueza, situa-se bem abaixo da média do Estado, com uma renda *per capita* de 2,08 salários mínimos (S.M.), enquanto a média estadual é de 2,92 S.M. Mas não se trata de pobreza extrema

¹⁰ A região de Jales considerada neste trabalho é a Região de Governo, pois esta é a mesma divisão territorial adotada pela Catí, com a denominação de Escritório de Desenvolvimento Rural (EDR), no censo do LUPA, o que facilita a comparação dos dados.

(definida pela Fundação Seade como *renda per capita* familiar até $\frac{1}{4}$ de salário mínimo), pois quando se observa percentual de domicílios com renda *per capita* menor do que $\frac{1}{4}$ do S.M., a região está um pouco melhor do que à média do Estado.

Apesar do Indicador Sintético de Escolaridade¹¹ mostrar um bom desempenho da região, esta ainda possui uma taxa de analfabetismo de 12,7% e um percentual de 68,9% da população com o ensino fundamental incompleto, enquanto média estadual é de 6,6% e 55,6%, respectivamente (FUNDAÇÃO SEADE, 2009).

A importância da agropecuária para a região revela-se no percentual de vínculos empregatícios ligado a este setor que é mais do que o dobro do que à média estadual (apesar deste percentual subestimar o trabalho na agropecuária, pois só conta os empregos registrados, enquanto prevalece o autoemprego nas unidades familiares). A participação da agropecuária no Valor Adicionado total é de 13,7%, bem acima da média estadual que é de 2,1% apenas.

Na região de Jales predominam unidades de produção agropecuária (UPAs) menores, como se pode constatar pelos dados do Levantamento de Unidades de Produção Agropecuárias – LUPA (2008): 87,5% das UPAs do EDR de Jales possuem menos de 50ha e ocupam 40% da área total. Se considerarmos as unidades de produção agropecuária até 100ha, que corresponde aproximadamente a 4 módulos fiscais da maioria dos municípios (o módulo fiscal na região de Jales situa-se na faixa entre 22 e 30 hectares), estas ocupam 53,8% da área e 94,3% do número total (Tabela 01). Quando comparada com outras regiões do Estado de São Paulo, trata-se de uma região com menor concentração fundiária, pois o valor da terra mais baixo, na primeira metade do século XX, permitiu que parceiros de café de outras regiões próximas comprassem terras ali e alguns municípios, como Jales, teve um processo de loteamento planejado, em que as áreas menores ficavam mais próximas do núcleo urbano (MONBEIG, 1984; SANT'ANA, 2003).

¹¹ O indicador sintético de escolaridade é expresso em uma escala de 0 a 100 e constitui uma combinação linear de algumas variáveis selecionadas, referentes ao grau de escolaridade dos indivíduos. A estrutura de ponderação de cada variável foi obtida de acordo com um modelo de análise fatorial, em que se estuda a estrutura de interdependência entre diversas variáveis. No caso do indicador de escolaridade utiliza-se as seguintes variáveis e ponderações: porcentagem de jovens de 15 a 17 anos que concluíram o ensino fundamental (36%), porcentagem de jovens de 15 a 17 anos com pelo menos quatro anos de escolaridade (8%), porcentagem de jovens de 18 e 19 anos que concluíram o ensino médio (36%) e porcentagem de crianças de cinco e seis anos que frequentam pré-escola (20%). Após 2000, passou a ser baseado em registros administrativos e não em base censitária. É um dos três indicadores que compõe o Índice Paulista de Responsabilidade Social–IPRS (FUNDAÇÃO SEADE, 2011).

Tabela 01- Distribuição percentual do número e área das Unidades de Produção Agropecuária (UPAs) por faixa de área no Escritório de Desenvolvimento Rural de Jales.

Faixa de Área	% número de UPAs	% de área (ha)
Até 20 ha	63,17	17,67
20,1 – 50 ha	24,34	22,28
50,1 - 100 ha	6,77	13,84
100,1 - 200 ha	3,52	14,26
200,1 - 500 ha	1,62	14,82
> 500 ha	0,58	17,13

Fonte: Lupa (2008)

Segundo Petinari et al.(2008) a região tem sua economia essencialmente agrícola, que desde o início da colonização, suas atividades já eram voltadas para a agricultura, tais como a bovinocultura e a cafeicultura. Atualmente, a fruticultura é uma das atividades que vem ganhando importância no município, em termos de valor da produção, com destaque para a uva de mesa, que é a principal atividade econômica, seguida da laranja, limão e outras (TONDATO et al., 2010).

A cultura do café foi durante várias décadas a principal atividade econômica da região, mas a decadência deste a partir dos anos 1980 e a predominância da produção familiar baseada na pequena propriedade (a parceria era menos importante do que em outras regiões) contribuíram para que opções intensivas em mão-de-obra fossem adotadas. Atualmente a região caracteriza-se por grande diversidade em termos produtivos, com destaque para a presença de diversas frutíferas e da pecuária de leite. No entanto, em termos de área ocupada, há predominância das pastagens (bovinocultura), seguida da laranja, cana-de-açúcar, milho e seringueira. As culturas da cana e seringueira têm apresentado crescimento significativo nessa última década. São também importantes, do ponto de vista econômico e social, a uva fina, a banana, o limão, a manga, a uva rústica (niagara) e as anonáceas (pinha, atemóia, graviola, fruta do conde, entre outras) (Figuras 1 e 2).

A cultura do café mantém a tendência de contínua diminuição da área plantada. A produção comercial de olerícolas, de modo geral, atende ao mercado regional e embora seja importante para parte dos produtores familiares, possui pouca expressão no âmbito regional em termos de número de propriedades envolvidas.

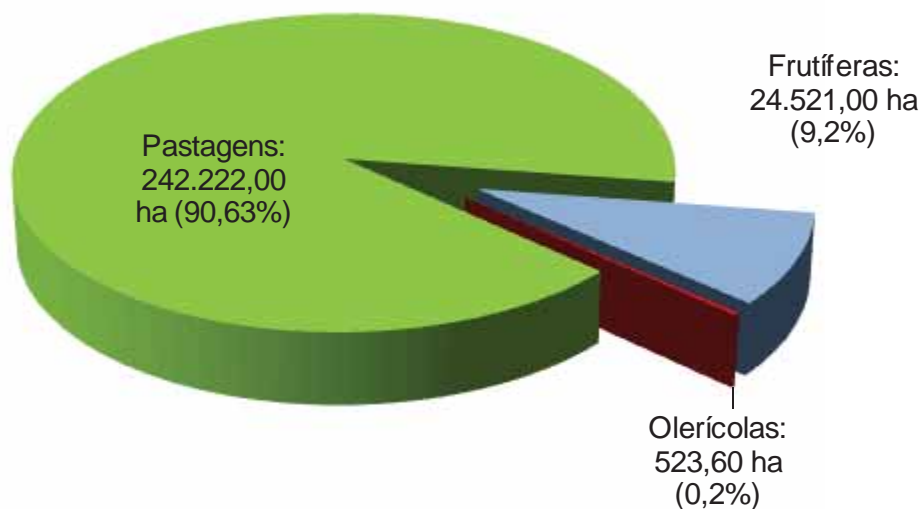


Figura 1- Culturas com maior área cultivada no Escritório de Desenvolvimento Rural de Jales.

Fonte: Adaptado do Lupa (2008).

Este conjunto de características contribuiu para que o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) a escolhesse a região de Jales, como uma das cinco beneficiadas pela Política de Desenvolvimento dos Territórios Rurais no Estado de São Paulo¹², que dentre outros aspectos, concede recursos para serem aplicados em ações e obras que contribuam para estimular o desenvolvimento da região.

¹² O Território de Desenvolvimento Rural é uma política pública do Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA), que visa a redução das desigualdades sociais, a superação da pobreza rural e a promoção de um desenvolvimento harmonioso e sustentável, é um diagnóstico que contém a identidade territorial, os eixos estratégicos de desenvolvimento, a visão de futuro e os projetos prioritários para os Territórios. A elaboração é realizada por meio de parcerias de órgãos públicos e organizações da sociedade civil (MDA, 2009).

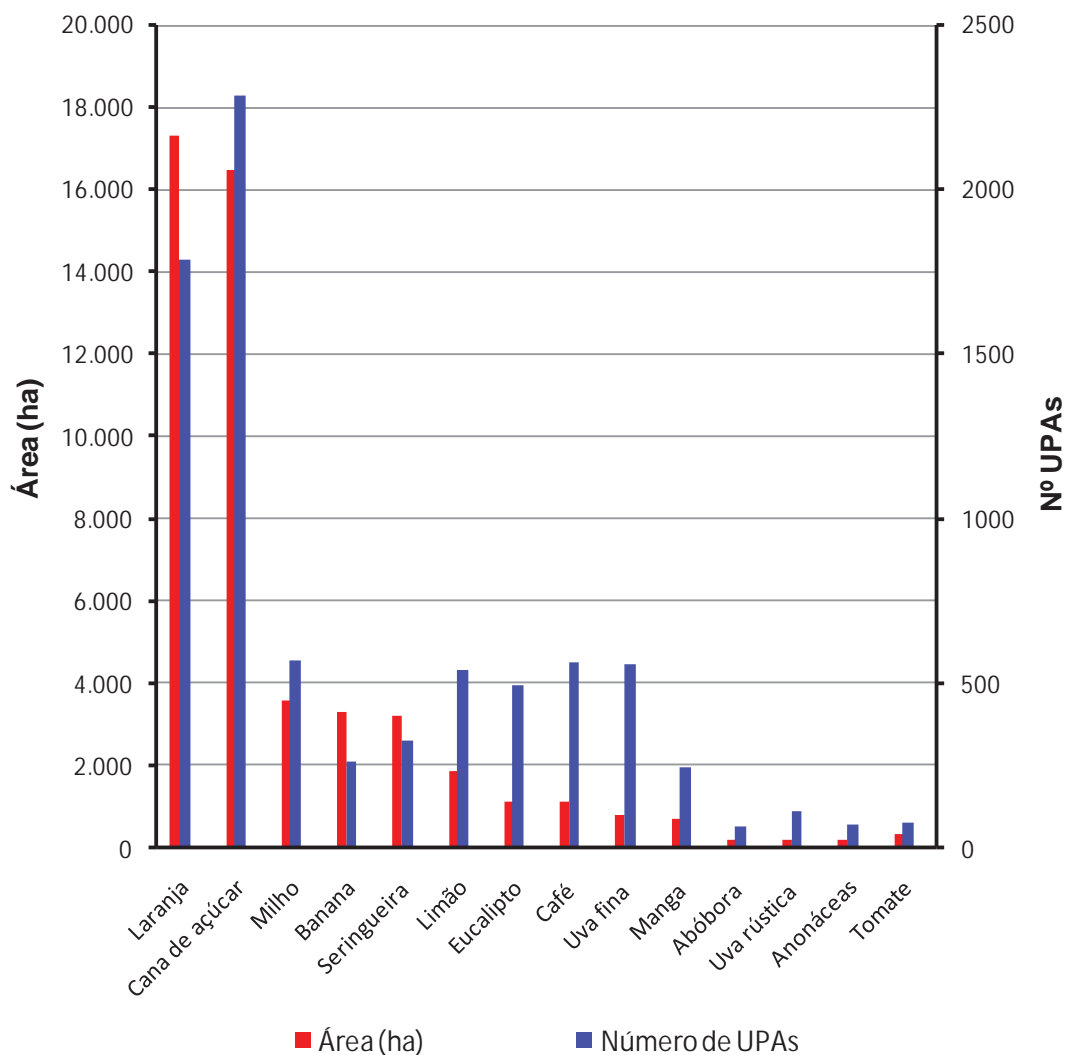


Figura 2- Principais explorações vegetais, em termos de número de UPAs e área total (ha), no Escritório de Desenvolvimento Rural de Jales.

Fonte: Adaptado do Lupa (2008).

A predominância de pequenas propriedades favoreceu o desenvolvimento da fruticultura na região, com isto a cultura da videira ganhou importância principalmente entre os agricultores familiares. Segundo dados do Instituto de Economia Agrícola (2009) o valor da produção da uva na regional de Jales foi de R\$41 milhões em 2008, representando cerca de 8% do valor total da agropecuária deste EDR realizado por Tsunehiro et al. (2009). Em relação às exportações totais agropecuárias por região, a EDR de Jales apresentou um percentual de 99,7% de representatividade (Figura 1), com destaque aos bovídeos, frutas e outros produtos.

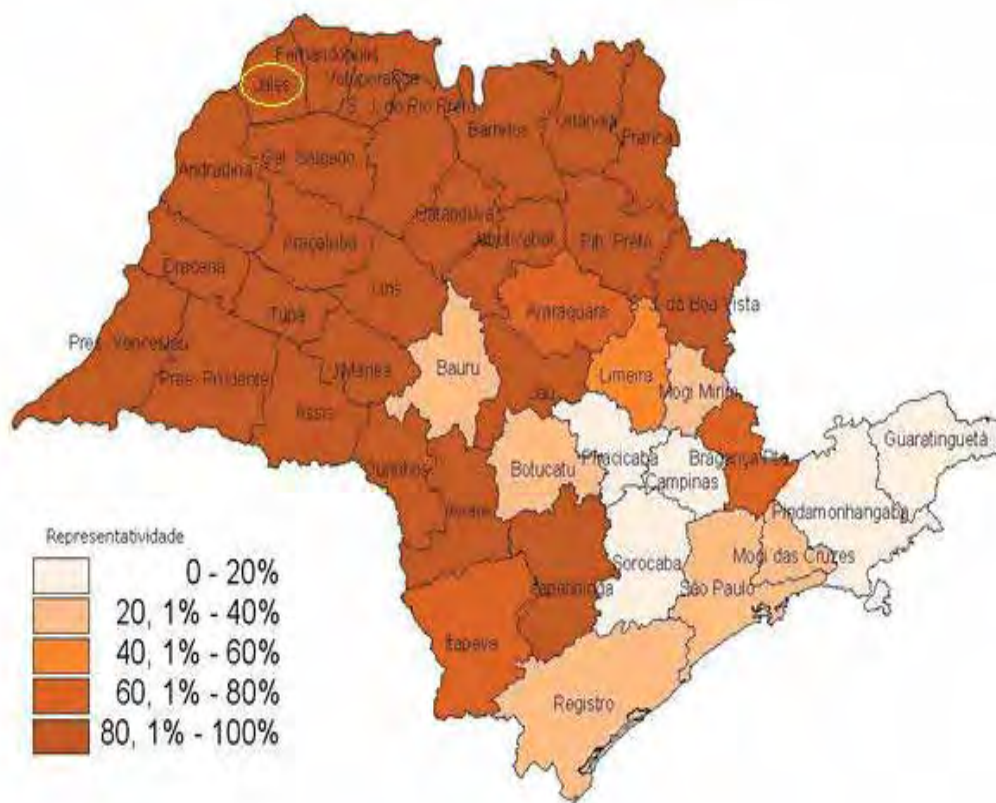


Figura 3- Distribuição geográfica de representatividade dos agronegócios nas exportações totais agropecuárias por EDR, Estado de São Paulo, 2010 (em destaque EDR Jales).

Fonte: MIDIC (2011)

O EDR de Jales está entre as 25 EDRs do Estado de São Paulo que apresentaram um percentual significativo (acima de 80%) nas exportações, este fato demonstra a importância da região no desenvolvimento do setor agropecuário brasileiro, bem como a participação dessas atividades na economia dos municípios.

A Tabela 3 mostra a previsão e estimativa da safra agrícola 2010/2011 das culturas mais significativas em valor de produção na EDR Jales, esses resultados foram obtidos em levantamento realizado por Caser et al. (2011), merecendo destaque a cultura da banana, onde ocorreu um aumento na área (2,3%) e no volume a ser produzido nesta safra (1,5%) em comparação a safra passada.

Tabela 2- Previsões e Estimativas das Safras Agrícolas da EDR de Jales, 2010/2011.

Culturas	Área (ha)	Produção
Laranja	3604296,0	10.429.554 cx. 40,8kg
Cana para indústria	25479,0	2.882.900 ton.
Cana para forragem	3709,0	239.120 ton.
Banana	3013,0	40.585 ton.
Café	553,0	5.848 sc. 60 kg
Milho	446,0	318.200 sc. 60kg
Feijão	420,0	680 sc. 60kg
Arroz	61,0	1.210 sc. 60kg

Fonte: Adaptado de Caser et al. (2011).

Dessa forma, pode-se verificar que o incentivo das políticas públicas voltadas ao desenvolvimento dos territórios tem colaborado para a transformação da EDR Jales em um importante pólo do setor agropecuário, assim as atividades desenvolvidas principalmente pelos agricultores familiares têm impulsionado o crescimento econômico da região, contribuindo para o desenvolvimento rural e local.

6.2. Características da Escola Técnica Estadual de Jales

As Escolas Técnicas Estaduais (ETEC's) estão distribuídas em 179 escolas, estando presentes em 134 municípios paulistas e, a partir do primeiro semestre de 2010, passaram a contar com 89 cursos técnicos, além de três cursos técnicos semipresenciais (CENTRO PAULA SOUZA, 2010).

A Etec de Jales “Dr. José Luiz Viana Coutinho” foi instalada em 1989 com a missão de contribuir para um processo de transformação e desenvolvimento da denominada Região Geo-Econômica dos Grandes Lagos (Ilha Solteira, Três Irmãos e Água Vermelha), no extremo noroeste do Estado de São Paulo, aproveitando e potencializando os recursos e a vocação econômica local, predominantemente agropecuária (CENTRO PAULA SOUZA, 2008). Foi implantada a três quilômetros do centro da cidade de Jales, em área total de aproximadamente 50 hectares.

De acordo com o Diretor atual da Etec Jales, a instalação da escola, que inicialmente funcionava como “Colégio Agrícola”, foi marcada por disputas políticas que quase inviabilizaram a continuidade da mesma. Em 1992, um movimento de professores em defesa da Escola conseguiu reverter a situação e garantir um mínimo de infra-estrutura para o seu funcionamento com quermesses, doações, sendo que somente a partir de 1997 teve uma

primeira obra pública na área. Até 1997 havia apenas turmas do curso de técnico em agropecuária, ano que foi criado, no período noturno o curso de Administração Rural. Posteriormente, um projeto desenvolvido em parceria com a Unesp, Campus de Ilha Solteira, e financiado pela Fapesp, deu novo impulso na Escola, especialmente na capacitação dos professores em termos de metodologia de ensino e também para elaboração de projetos. A partir deste trabalho foi enviado um projeto e aprovado pela Fundação Vitae, o que possibilitou investimentos vultosos na Etec Jales em termos de máquinas e equipamentos (esta parceria ainda se mantém e o próximo projeto será na área de agricultura de precisão).

A infra-estrutura instalada atual é mais de três mil metros quadrados de área construída, voltada para a exploração das atividades agropecuária, à qual recentemente integrou-se a preocupação com a agregação das tecnologias agroindustriais, de informática e de cursos ligados ao setor de serviços (Etec JALES, 2010). Em 2009 e 2010 foram ampliadas as instalações, com a construção de um anfiteatro, novas salas de aulas, laboratórios de informática, nova ala de alojamento estudantil e repartições administrativas.

Na Etec Jales são ministrados 10 cursos de Ensino Técnico e há também uma classe de Ensino Médio normal (extinta a partir de 2010, mas que ainda possui turmas cursando o 2º e 3º anos). Os cursos englobam diversas áreas do conhecimento, mas com concentração em cursos técnicos ligados à agropecuária. Quatro deles são no período diurno: Técnico em Produção Agropecuária Integrado ao Ensino Médio (36 meses – período integral); Técnico em Agropecuária (18 meses); Técnico em Produção de Cana-de-açúcar – parte do curso é ministrado à noite também – (duração de 18 meses), além do Ensino Médio regular (até 2011). Outros sete cursos são ministrados no período noturno: Técnico em Agroindústria (18 meses); Técnico em Agronegócio (18 meses); Técnico em Alimentos (18 meses); Técnico em Informática (18 meses); Técnico em Marketing (18 meses); Técnico em Comércio (18 meses); Técnico em Informática para Internet (18 meses). Todos os cursos oferecem 40 vagas anualmente (Etec JALES, 2010). Há também extensões da Etec Jales na área urbana de Jales, onde são oferecidos, no período noturno, os cursos de Administração, Contabilidade e Secretariado; no município de Sud Mennucci, onde há os cursos de Informática e Administração; e em Santa Rita D'Oeste, onde é oferecido o curso de Agronegócio.

Segundo o diretor da Etec Jales a extinção do Ensino médio Normal (não-integrado) se deu a partir da percepção de que nos últimos anos metade dos alunos não tinham a intenção de trabalhar como técnico agrícola, na verdade a maioria tem a intenção de ingressar na faculdade, já que o ensino médio fornecido pela Etec Jales tem um nível superior a média da região. Este fato vai contra a missão da escola técnica, já que seu objetivo é a formação de

profissionais técnicos para o mercado de trabalho, com o modelo de curso integrado a tendência seria buscar acolher alunos com maior vocação para a área técnica escolhida.

A Etec Jales dispõe de 125 vagas no alojamento, localizado na própria área da Escola. Os internos são todos do sexo masculino. A falta de vagas femininas pode ser um dos entraves ao ingresso de alunas do sexo feminino nos cursos técnicos da Etec Jales, pois a mesma possui grande quantidade de ingressantes oriundas de outros municípios.

Todos os alunos dos cursos ligados à agropecuária realizam plantões aos finais de semana (em média um por mês) para cuidar dos animais e realizar outras tarefas que exigem atenção diária.

O Diretor da Etec Jales, na entrevista realizada, também mencionou que a escola obteve um prédio grande no centro da cidade de Jales, o que permitirá a transferência de todos os cursos noturnos para o núcleo urbano, além de possibilitar o oferecimento de novos cursos. O desafio, neste caso, na visão do Diretor, será manter a unidade da Escola, mesmo funcionando em dois locais diferentes, um na área urbana e o outro na rural.

O ingresso é realizado por meio de *vestibulinho* (prova semelhante ao vestibular que visa classificar os candidatos com melhores notas) em todos os cursos. Em 2007, durante os primeiros levantamentos para elaboração da proposta de pesquisa, constatou-se a existência de dois cursos cuja seleção era realizada por meio de entrevista, mas estes foram justamente aqueles que deixaram de ser oferecidos: os cursos de Gestão da Agricultura Familiar (destinado a egressos dos cursos técnicos na área agropecuária) e o de Agronegócios (destinado a um público diversificado e que incluía os produtores rurais). Uma aluna que respondeu ao questionário era de uma das turmas concluintes do curso de Agronegócios. Já a criação do Curso de Produção de Cana-de-açúcar foi posterior a esta época e foi justificada pelo aumento da área desta cultura na região¹³. Para o diretor da escola, há a necessidade de integrar o setor de formação ao setor de produção, com vistas à reformulação da matriz curricular e do perfil de conclusão de curso, de acordo com as demandas do setor produtivo, assim a criação de novos cursos e fechamento de anteriores está vinculada a este processo.

6.3. Características dos jovens e da família

Na pesquisa mais ampla que buscou abranger todos os alunos que estudam na Etec Jales e filhos de produtores rurais, 85,5% do total de 69 entrevistados mora na microrregião

¹³ No município de Jales foi criada uma lei que limita a área de cana-de-açúcar a 5% da área total, como forma impedir o avanço desta cultura nas propriedades familiares e para proteger a diversidade das culturas. Mas em um raio próximo à Etec Jales há quatro usinas de açúcar e álcool.

de Jales. A abrangência regional da Etec pode ser comprovada pelo grande número de municípios (17) de procedência dos alunos, sendo mais frequentes os alunos cujas famílias são de Palmeira d'Oeste, Urânia, Jales e Santa Albertina que, somados, representam quase a metade dos alunos pesquisados da região de Jales.

As alunas provêm de 10 municípios diferentes, Jales (2) , Santa Salete (2), Palmeira D'Oeste (2) e as demais de cidades próximas como: Pontalinda, Santa Albertina, Três Fronteiras, Santa Fé do Sul, Urânia, Vitória Brasil e São Francisco.

Como já mencionado, os alunos do sexo masculino formam a grande maioria dos estudantes da Etec Jales, sendo que dentro do universo pesquisado, são mais de 80% (56), enquanto estudantes do sexo feminino são apenas 13 (18,8%). Este diferencial é um indicativo de que a preferência e/ou as condições de acesso e permanência nos cursos da área agrícola apresenta um viés ligado ao gênero. Os jovens filhos de agricultores do sexo masculino preferem os cursos da área agrícola, numa perspectiva de permanência no meio rural, já que os pais almejam que esses sejam seus sucessores no estabelecimento familiar, já as jovens possuem certa preferência pelos cursos de outras áreas (Informática, Alimentos, etc.), pela falta de perspectivas/motivação de permanecerem no meio rural, pelas relações de trabalho desiguais, pelas dificuldades encontradas na atividade agrícola e não participação nas discussões referentes ao futuro da propriedade, entre outros fatores que desestimulam a permanência da jovem mulher no meio rural.

A grande maioria (quase 80%) dos alunos que participaram da pesquisa integram famílias relativamente pequenas (3 a 5 membros) e residem na área rural, na propriedade dos pais ou avós. Mesmo dentre as demais famílias que moram na cidade, vários pais mantêm uma relação cotidiana com a propriedade, em muitos casos, passam o dia todo no estabelecimento rural e somente se dirigem à cidade ao final do dia ou para algum compromisso específico.

Dentre as famílias das meninas há predominância de 3 a 6 membros, com média de 4 pessoas por família, sendo que quase todas residem no meio rural com seus pais, tios (as) e avós. Apenas uma declarou não residir na área rural, morando com a irmã na cidade de Jales, para facilitar o acesso à Escola, já que a mesma além de realizar o curso integral de Agropecuária, também faz um curso noturno de Tecnologia de Produção de Cana-de-açúcar. Além desses fatores, a ausência de alojamento feminino na Etec leva essa jovem a permanecer na casa de parentes durante o período letivo. Esses resultados revelam que hoje os jovens convivem em famílias com menor número de integrantes em relação à geração anterior, pois

era bastante comum encontrar famílias extensas, com várias gerações convivendo sob o mesmo teto, ligadas por algum grau de parentesco.

Neste contexto, é importante frisar que mesmo as jovens que buscam uma maior escolaridade a partir do ensino médio técnico/profissionalizante, estas continuam em seu território de origem, mantendo uma relação com a família e o meio rural onde vivem. Para Silva (2008) a ampliação do processo de escolarização favorece o prolongamento da juventude, mediante a existência da dependência e a coabitação com a família de origem.

Há autores que mencionam que a migração do jovem rural para cidade, geralmente para continuar os estudos, frequentemente ocasiona mudanças no seu modo de vida, o que pode influenciar na formação de sua identidade e nas decisões em relação a permanência ou não em seu meio.

De modo geral os alunos pesquisados são muito jovens, sendo que 81,2% não alcançaram a maioridade. Em função disso, quase todos, à exceção de dois deles, moram com família e apenas um era casado. A maioria das meninas pesquisadas não alcançou a maioridade (faixa etária de 15- 17 anos), moram com os pais e todas se declararam solteiras. As mulheres têm buscado ampliar os estudos e formação técnica, como forma de garantir certa autonomia em relação aos pais e a inserção mais precoce no mundo trabalho, fora da unidade familiar. Além disso, é visível que em relação ao casamento, que antes ocorria mais cedo no caso das mulheres rurais, isto não é mais tão comum nos dias atuais, uma vez que o casamento de certa forma tende a manter as mulheres no meio rural, enquanto as moças solteiras ficam livres para a migração. Até mesmo em relação aos jovens do sexo masculino a visualização do casamento está mais distante do que o padrão anterior de seus pais: “Ah, eu não vou casar não, o meu pai não deixa eu casar... ele não vai deixar...” (ALUNO 5, 16 ANOS, URÂNIA)

Embora a maioria dos pais dos alunos pesquisados seja relativamente jovem, 66% do total possui no máximo o ensino fundamental. Trata-se de uma geração que apresenta grau de escolaridade semelhante à encontrada em outras pesquisas na região com agricultores familiares (SANT’ANA, 2003), diferenciado-se apenas em relação ao percentual de analfabetos que é menor na presente pesquisa.

Um fato que aproxima as experiências dos jovens de ambos os sexos se refere às trajetórias escolares dos seus pais que possuem baixa escolaridade, pois sempre viveram na zona rural e não puderam prosseguir estudando em função da “falta de condições” e das responsabilidades que tiveram de assumir junto as suas famílias.

Segundo Toledo (2008) os filhos por sua vez têm escolaridade mais elevada, estão crescendo com uma cultura diferente dos pais e incorporaram parte do modo de vida urbano, e, muitas vezes, não foram preparados para a gestão frente aos desafios da produção e mercados da atualidade, vendo poucos atrativos para continuar a profissão dos pais. No caso dos alunos da Etec, de certa forma, a escola busca prepará-los para os desafios do trabalho na agricultura, mas a ênfase é colocá-los no mercado de trabalho e não capacitá-los para a gestão da propriedade familiar, como admitiu o Diretor da Etec na entrevista.

Em relação aos pais das alunas a média de idade dos pais é 46,5 anos e a das mães de 40,0 anos. No que se refere ao nível de escolaridade, os resultados obtidos na presente pesquisa revelaram uma escolaridade média de 5,3 anos, ou seja, a maioria não ultrapassou o ensino fundamental. Cerca de 36% realizou o ensino fundamental incompleto (faixa etária de 40 a 53 anos); 23% realizaram o ensino fundamental completo ou ensino médio completo (faixa etária de 35 a 40 anos), 8% possuem o ensino médio incompleto (faixa etária de 30 a 40 anos). Duas mães chegaram ao ensino superior, uma realizou o ensino superior completo e outra, o superior incompleto. Alguns estudos revelam que o grau de escolaridade no meio rural está diretamente relacionado à idade. Geralmente, as pessoas mais velhas tiveram menores oportunidades de dar continuidade aos estudos, justamente por terem a obrigatoriedade de auxiliar nas atividades do campo, do que as pessoas mais jovens, e que geralmente permanece na propriedade o filho/filha que possui menor grau de escolaridade (SILVESTRO et al., 2001)

Nas entrevistas realizadas com os pais (um dos casos foi realizado com o avô), estes manifestaram orgulho dos filhos estarem estudando para níveis mais avançados do que alcançaram, pois acreditam que a educação é uma maneira de terem uma vida melhor. São capazes de realizar sacrifícios para manter os filhos estudando:

Sempre eu falo para elas, estudar! Tem que ser firme, né... procurar melhora e a gente ajuda, eu e a mulher sofre, trabalha, tem mês que tem que tirar para pagar para elas, às vezes paga aluguel, a Jo. paga 300 reais de aluguel, o serviço dela acho que é... mais 400 de faculdade [...] ela trabalha lá, 600 reais por mês, então não sobra para ela, então tem que tirar aqui e pagar lá... (PAI DA ALUNA 09, SANTA SALETE¹⁴)

O pai que concedeu a entrevista tem duas filhas que estudaram na Etec Jales e participaram da pesquisa. Como as entrevistas com os pais foram realizadas posteriormente à

¹⁴ Os pais entrevistados serão identificados a partir dos filhos e do município em que moram. O número do filho corresponde ao número do questionário que responderam. No caso dos trechos de entrevistas dos filhos será acrescida a idade dos mesmos, na época que responderam ao questionário.

pesquisa na Etec com os alunos, uma das filhas já havia concluído o ensino técnico e ingressado em uma faculdade particular no período noturno, em curso não ligado às atividades agropecuárias. O trabalho que ela desenvolvia durante o dia também não estava relacionado à sua formação técnica. A outra filha também já havia concluído o curso técnico e cursava uma faculdade particular à noite, mas nesse caso o curso era de agronomia (ambas com bolsas parciais).

6.4. Características da propriedade, do trabalho dos membros da família e da produção

Em relação ao tamanho das áreas das propriedades dos pais dos alunos pesquisados, há a predominância de agricultores familiares: 94,5% total possui até 100 hectares, o que corresponde aproximadamente a 4 módulos fiscais na região e 84,1% do total possui até 50ha. A faixa de área com maior percentual de propriedades é a de 20,1ha a 50,0ha (38,8%), mas um percentual significativo, de mais de $\frac{1}{4}$ das áreas, são de propriedades muito pequenas com até 10ha.

Alguns pais de alunos entrevistados mencionaram que a limitação do tamanho da terra e a presença de mais de uma geração na propriedade (os avós e/ou tios do estudante da Etec Jales), não comportaria incorporar os filhos no trabalho e mantê-los na propriedade, pois não haveria renda para a sobrevivência de todos. Evidentemente que o produtor realiza esta avaliação com base em sua capacidade atual de investimento em termos de tecnologia e mão-de-obra disponível. Por outro lado, há produtores que estão buscando diversificar a produção e adotar culturas que geram maior valor da produção em pequenas áreas de plantio, como é o caso do plantio de uva fina.

Há situações diferenciadas, enquanto algumas propriedades com menos de dez hectares e com perspectiva de divisão nos próximos anos entre vários herdeiros, criam uma situação de incerteza muito difícil para aqueles que moram na área; em outras a associação entre parentes (genro, sogro e concunhado) ou outras estratégias fundiárias permitiram, ao longo do tempo, a ampliação do patrimônio familiar e a divisão de uma área de cerca de 25 hectares para cada herdeiro.

No caso das meninas podemos verificar que cerca de 76,9% das propriedades dos pais possui áreas até 100 hectares, sendo que a maior parte das propriedades possui áreas entre 20 à 36 hectares, mas 3 propriedades possuem área inferior a 14 hectares. Uma das meninas não soube dizer o tamanho da área porque a mesma era arrendada.

Muitas vezes em unidades descapitalizadas e com áreas menores, a permanência dos (as) filhos (as) na propriedade fica comprometida, pois há uma tendência destes buscarem os estudos e trabalho fora do estabelecimento familiar, fatores estes que limitam a produção e consequentemente a renda agrícola e é nessas unidades em que a ausência dos mesmos é mais sentida. Esta situação pode ser verificada também a partir do depoimento do pai de uma das alunas pesquisadas que possui uma área de 13,3 hectares, onde moram sua esposa, filho e filha, sendo que a propriedade foi herdada após a morte do pai. Os gastos realizados com a partilha dos bens entre os irmãos foram bastante significativos, o que gerou uma série de dificuldades, inclusive financeira, sendo necessária a saída dos filhos para garantir uma renda mínima para a família.

É difícil... porque não sobrevive daqui... é duro, agora a gente ficou descapitalizado... ela [filha] pretende arrumar um serviço porque a renda da gente aqui é pouca... arrumar um serviço e estudar a noite. (PAI DA ALUNA 34, 16 ANOS, PALMEIRA D'OESTE)

As estratégias de acesso e ampliação da terra ocupam uma posição central dentre os agricultores familiares brasileiros (WANDERLEY, 1995). Sant'Ana e Costa (2004) que constataram os produtores da região de Jales organizam diversas formas para aquisição de mais terras, seja ampliando o tempo de trabalho, a contenção de gastos, arranjos intra-familiares, formas de cooperação ligadas ao parentesco, dentre outras. São estratégias de investimento econômico (BOURDIEU, 1994), mas ligadas a um objetivo mais geral de viabilizar a sucessão.

Dentre os alunos que participaram da pesquisa, o percentual, em relação ao total de integrantes da família, que estavam envolvidos no trabalho da propriedade (excluindo o entrevistado) é 68,2% do total (154 pessoas). Dentre o total de mão-de-obra familiar utilizada na propriedade, 36,9% do total provém do pai (ou padrasto), 24,3% da mãe e 17,3% são de irmãos (ãs) e primos. Dentre os jovens predomina o sexo masculino, pois dentre os 31 que trabalham nas propriedades, 23 são do sexo masculino e apenas oito do sexo feminino, confirmando a tendência, constatada em outras pesquisas como de Menezes et al. (2008) de que permanecem no trabalho agrícola predominantemente os homens.

No caso das jovens este número é de 3 a 4 pessoas, representando mais da metade das entrevistadas. Da mão-de-obra familiar utilizada na propriedade 23,1% é oriunda do pai (ou padrasto) e 17,8% da mãe, sendo 8,9% de irmãos (as). Mesmo que a maior participação da

mão-de-obra na propriedade seja masculina, as atividades da mulher no meio rural tendem a ser mascaradas pelas relações de gênero, uma vez que muitas mulheres desenvolvem atividades iguais aos homens dentro dos espaços do trabalho produtivo, no entanto, não há o reconhecimento de seu trabalho até mesmo pelos filhos (as) e geralmente quem define o que será feito na propriedade é o homem.

Pouco menos de dois terços (62,9%) das propriedades é cultivada apenas com o trabalho familiar. Dentre os que contratam mão-de-obra (23%) para realizar o trabalho na propriedade, recorrem a trabalhadores temporários e de forma eventual por meio de diaristas. Algumas famílias mencionaram explicitamente que dependem da ajuda do filho que estuda na Etec Jales para realizar algumas atividades na propriedade, organizando algumas atividades (que exigem maior número de pessoas para ser realizada) de acordo com a disponibilidade do filho para estar na propriedade.

Parte das famílias não consegue viver apenas da produção agropecuária obtida no sítio e organizam várias estratégias para obtenção de renda, como o trabalho externo agrícola ou não agrícola, aluguel de casas na cidade, acesso a benefícios governamentais (bolsa família) e aposentadorias.

Dentre as famílias dos jovens pesquisados, 31 (44,9%) famílias possuem algum tipo de renda de fora da propriedade, sendo que em 22 propriedades esta renda é proveniente de trabalho externo, quase todos não-agrícolas. Nove famílias possuem ao menos um aposentado. Especificamente dentre os jovens pesquisados, 11 (15,9%) realizam algum tipo de trabalho remunerado fora da propriedade, sendo que cinco destes desenvolvem atividades ligadas à agropecuária.

Dentre as famílias das jovens, 14% do total desenvolvem outras atividades econômicas fora da propriedade para complementação da renda familiar, não necessariamente ligadas ao meio rural, assim a maioria desenvolve outras ocupações não – agrícolas. Nenhuma das jovens pesquisadas realiza trabalho remunerado fora da propriedade, neste caso pressupõe-se que cabe aos homens a inserção no mercado de trabalho exterior. Além disso, os jovens do sexo masculino tendem a se inserir em atividades dentro e fora da propriedade muito antes do que as jovens, e as mulheres geralmente não têm tantas oportunidades quanto os homens, principalmente no que se refere às atividades ligadas ao campo.

Estudos realizados por Sacco Anjos (2003) e Schneider (2003), apontam que houve um decréscimo na migração da população rural para o meio urbano, porém nota-se que houve um declínio na proporção da população rural ocupada em atividades agrícolas e o aumento de pessoas absorvidas em atividades não-agrícolas e que cresce a população não ocupada, ou

seja, os aposentados, desempregados e pensionistas no meio rural. Isto contribui para transformação das dinâmicas existentes no meio rural, as relações de trabalho, além de promover, em alguns casos, o abandono das atividades agrícolas, interferindo no processo de desenvolvimento da agricultura familiar.

Um produtor que possui uma propriedade de 4,8 hectares, durante algum tempo tentou viver da produção da área, mas atualmente trabalha como pedreiro e a propriedade tem um papel complementar na renda e de produção para o autoconsumo, além de ser o local de sua moradia:

[...] Comprei o gado, comecei a tirar o leite, como eu estava lhe falando, o governo incentivou a gente a comprar o gado, eu comprei, depois começou a baixar, cair o preço do leite, vendi tudo outra vez... [as matrizes mais especializadas na produção de leite] Então eu tenho a chacinha, tenho um pouco de gado lá, trabalho lá na chácara, tiro um pouco de leite, faz um queijo, a gente tem fruta, um monte de coisas que a gente tem lá não precisa comprar...mas tenho que trabalhar aqui na cidade também por que... se eu depender só da chácara, aí...nós não consegue se manter não... (PAI DA ALUNA 48, JALES).

De modo geral quando o trabalho externo era realizado pelos filhos, em profissões mais valorizadas, a maioria dos pais demonstrava satisfação, mas constatou-se também certo constrangimento por parte de um jovem ao mencionar o que o trabalho exercido pela mãe era de empregada doméstica.

Em relação às atividades desenvolvidas nas propriedades, quase todos os alunos demonstraram conhecer quais culturas e criações estão presentes na propriedade, quando comparou-se com as respostas dadas pelos pais. Alguns, no entanto, não souberam informar a área e/ou número de pés e/ou ignoravam a produção ou produtividade das principais culturas.

Dentre o total de propriedades pertencentes aos pais dos alunos pesquisados, 52 possui bovinos de leite, com uma média de 36 cabeças por propriedade, embora em parte destas as famílias só utilize o leite para o autoconsumo e a venda de bezerros. A produção média de leite no período das águas é de 74 litros, enquanto na seca é de apenas 51 litros, como é comum dentre os produtores da região. A queda da produção ocorre devido ao manejo inadequado do gado nesse período, pois o rebanho sofre com alimentação insuficiente tanto do ponto de vista da quantidade, como da qualidade.

Com relação à distribuição percentual dos produtores, por faixa de produção de leite por dia/propriedade, a faixa com maior percentual de produtores tanto na seca como nas águas

é de 20 a 50 litros, mas enquanto nas águas 43,5% produzem mais de 50 litros/dia, na seca são somente 26% do total que alcançam este patamar de produção.

A cultura presente em maior número de propriedades (32) é a cana, que é utilizada para a alimentação do rebanho bovino no período seco, assim como o milho (presente em 15 propriedades) que visa complementar a alimentação das criações em geral. A laranja é cultivada em 27 propriedades, sendo que nessa região a produção é comercializada basicamente para o consumo *in natura* (“laranja de mesa”). Em seguida aparece a uva (fina e niagara) presente em 13 propriedades. A uva niagara foi introduzida mais recentemente na região.

Entre as famílias das jovens pesquisadas, a bovinocultura está presente em quase todas as propriedades, com um número médio de 26 cabeças por estabelecimento e na maioria dos casos é a principal fonte geradora de renda da propriedade, exceto em duas propriedades em que a principal exploração é vegetal. A sazonalidade da produção de leite é muito significativa dentre as famílias, sendo que a média observada durante o período das águas é de 63 litros/dia, já no período seco a média é de 42 litros/dia, uma redução de 63% da produção. Neste caso, no período seco, a maioria dos agricultores (6) produz uma média de 30 litros/dia, enquanto no período das águas conseguem uma média superior a 50 litros/dia. O leite também é um importante componente de autoconsumo dessas famílias, já que (3) desses agricultores destinam a produção para o autoconsumo, e um pouco mais da metade (6) destinam a produção aos laticínios.

Em relação à exploração vegetal, há uma grande diversidade de culturas, possuindo em média 4 a 5 culturas diferentes. Dentre as principais culturas presentes nas propriedades, a laranja é a mais cultivada, presente em 6 estabelecimentos. Nesse caso, todas as famílias destinam a produção exclusivamente para comercialização por meio de intermediários.

Ainda em relação aos estabelecimentos dos pais das jovens, em 5 deles a uva e a cana foram a segunda cultura mais citada. As uvas são produzidas predominantemente para serem comercializadas, já a cana é a principal fonte de suplementação do rebanho bovino durante o período seco. O feijão ocupa pequenas áreas, utilizado somente para autoconsumo. O milho está presente em 3 dos estabelecimentos pesquisados, em 2 destes a produção é comercializada para intermediários, e um estabelecimento realiza o sistema de rotação com essa cultura. As culturas da manga e do limão são produzidas para serem comercializadas por intermediários e frutícolas, respectivamente, estando presente em 2 estabelecimentos.

Áreas destinadas às pastagens estão presentes em 7 propriedades e a área média corresponde a cerca 13 hectares. Entre as áreas de pastagens, as mesmas são exploradas por

apenas 2 tipos de espécies forrageiras, a mais citada refere-se a *Brachiaria spp.*, presente em 6 estabelecimentos e, à espécie *Panicum maximum* está presente em apenas um dos estabelecimentos pesquisados.

6.5. O trabalho e a vida familiar das jovens na propriedade

Em pesquisa realizada por Camarano e Abramovay (1999) afirmam ser as jovens as maiores vítimas da divisão do trabalho na agricultura familiar e, sem perspectivas de renda, a migração para a cidade acaba sendo uma das alternativas para conseguir emprego.

Em relação à opinião das jovens sobre o trabalho na propriedade, o mesmo é considerado pelas jovens pesquisadas atividades mais simples (que não exigem grande força física), utilizando os termos “bom”, “normal” e “fácil” para definir o trabalho realizado. Apenas duas das jovens entrevistadas declararam ser “cansativo” e outras duas não realizam nenhum tipo de trabalho na propriedade por falta de tempo. As atividades que praticam na propriedade, em alguns casos, se limitam aos afazeres domésticos, mas também se identificaram como ajudantes dos pais em várias tarefas como o auxílio na colheita, desbrota, pulverizações com agrotóxicos, ordenha e trato dos animais, limpeza do quintal, dentre outras:

Ah, quando ela vem aqui ela ajuda a olhar o limão, a achar alguma doença, porque ela aprende também. (PAI DA ALUNA 34,16 ANOS , PALMEIRA D'OESTE)

Olha no sítio eu não faço praticamente quase nada, aonde eu posso mexer um pouco é na horta... (ALUNA 34, 16 ANOS , PALMEIRA D'OESTE)

Vários alunos e alunas mencionaram que o tempo para realizar o trabalho na propriedade é bastante limitado, pois estão em cursos com dedicação integral (e no caso dos meninos, a maioria mora no alojamento).

Muitas meninas declararam que não são levadas a sério nas relações de trabalho dentro da propriedade, e esta diferença de tratamento tem provocado o desinteresse das mesmas pelas atividades desenvolvidas na propriedade. As meninas acabam fazendo as atividades por considerarem uma “obrigação” ou uma “dívida” para com a família. Às vezes deixam de realizar as tarefas. A principal reclamação, no entanto, é que não são ouvidas como alguém que está adquirindo uma qualificação técnica específica:

(...) Nem falo, meu pai é assim, tanta experiência em campo... eu sou uma menina dentro de casa, ele gosta do que eu tô fazendo [o curso técnico], mas minha opinião não conta. (ALUNA 34, 16 ANOS, PALMEIRA D'OESTE)

Tem algumas pessoas da família que tem sítio, aí você fala... Ah, você poderia fazer assim para melhorar, mas não dá muita credibilidade pelo fato de ser menina, mesmo sabendo que você está fazendo um curso técnico. (ALUNA 48,16 ANOS, JALES)

Embora muitas delas desenvolvam atividades na propriedade por cerca de 4 a 5 horas em média por semana, a maioria que trabalha na propriedade não recebe remuneração alguma para realizar tais atividades e as que declararam receber seria uma ajuda de custo para sair ou comprar alguma coisa (roupas, acessórios, etc), no entanto, o seu papel é tido como “ajuda”. Brumer (2006) aponta em suas pesquisas para a insatisfação dos jovens por não participarem das decisões familiares, essa exclusão segundo a autora seria ainda maior às mulheres.

Para os meninos, o desenvolvimento das atividades na propriedade parece ser um dever normal a ser cumprido e não encontram problemas em relação a isso, uma vez que a maioria citou estarem acostumados com as mesmas, a princípio porque gostam do que fazem e por terem certa independência no desenvolvimento destas e quando não exercem atividades na propriedade o principal motivo seria pela falta de tempo.

Em relação à participação das decisões relativas à propriedade as mais citadas pelas jovens são: aspectos técnicos da condução das culturas e criações (9); distribuição de serviços (7); quais investimentos devem ser feitos (7); a introdução de novas culturas e criações (4); necessidade ou não de financiamento agrícola (4) e venda dos produtos e para quem será vendido (3), sendo que duas das entrevistadas citaram que não participam de nenhuma decisão em relação à propriedade. Apesar dessas respostas indicarem alguma participação nas decisões, isso se dá mais como emissão de opinião, mas a influência dos pais é muito forte e a participação efetiva destas jovens na tomada de decisão é pequena ou quase nula, fato este que influencia na decisão de sair do meio rural, em busca de independência e novas oportunidades geralmente não relacionadas ao seu modo de vida rural.

Lá em casa é meu pai, ninguém coloca na cabeça dele, pra ele é daquele jeito, ele não escuta, mas eu *a menina*... (ALUNA 34, 16 ANOS, PALMEIRA D'OESTE)

A por ser menina tem muito problema... e o pai não admite porque é menina... ‘eu sou homem, sou o dono da casa, eu cresci no sítio, eu sei fazer tudo isso, agora vem

você com dois, três anos de curso querer mudar do jeito que está'... (ALUNA 48, 16 ANOS, JALES)

Há casos, no entanto, em que o diálogo com os pais é mais aberto (nesta pesquisa somente uma das meninas deu um depoimento nesse sentido), o que permite uma inserção maior da jovem na propriedade.

No meu caso é um pouco diferente, eles sempre deram credibilidade, quando ele vai trabalhar, eu falo, pai me leva junto, me ensina até do jeito dele ... quando eu chego em casa se vão fazer qualquer coisa eles perguntam a opinião pra mim ... como faz? ... eles fazem do jeito que eu falo, juntam minha opinião ao jeito deles e eles fazem ... às vezes eles deixam pra fazer no final de semana que eu tô lá pra fazer junto... (ALUNA 36, 16 ANOS, TRÊS FRONTEIRAS)

Quem mora na propriedade? (PESQUISADOR)

Eu, meu pai, minha irmã e minha mãe. (ALUNA 36, 16 ANOS, TRÊS FRONTEIRAS)

Você acha que se você tivesse um irmão, seria do mesmo jeito? (PESQUISADOR)

Ah ..., não sei ... eu acho que ia acabar escutando porque eles têm uma cabeça muito aberta. (ALUNA 36, 16 ANOS, TRÊS FRONTEIRAS)

Pela avaliação da jovem, esta mesma situação se repetiria caso houvesse um sucessor do sexo masculino na propriedade, mas através desta e outras pesquisas verifica-se que as relações das jovens com o trabalho agrícola assumem contornos diferenciados e geralmente a visibilidade das jovens no meio rural fica comprometida pelas relações e especificidades existentes neste meio.

Em relação às atividades desenvolvidas na propriedade, geralmente quem define o que será feito é a figura paterna, embora muitas das jovens tenham vontade de aplicar os conhecimentos adquiridos em sala de aula na propriedade, as mesmas esbarram em alguns fatores relacionados à distinção de sexo, idade, confiança, saber próprio e falta de recursos financeiros, que determinam a não aceitação de suas idéias pelos pais. Este fato não é exclusivo das jovens, mas manifesta-se mais frequentemente no caso das filhas.

Meu pai diz assim ... quando você tiver a sua propriedade, você faz o que você quiser com a tua, enquanto eu estiver com a minha propriedade, vai ser do meu jeito...é desse jeito e acabou... (ALUNA 11, 17 ANOS, SANTA SALETE)

As melhorias feitas na propriedade contribuem de certa forma para mudanças na qualidade de vida rural, uma vez que as atividades desenvolvidas na propriedade nem sempre são geradoras de renda e a falta de infraestrutura no local onde vivem desestimula os (as) jovens quanto à permanência neste meio. Quando questionadas em relação ao que acham que deveria ser feito na propriedade para produzir e para viver melhor na mesma, a maioria das jovens (10) respondeu sobre aspectos relacionados a maiores investimentos no manejo das culturas e dos animais, aquisição de máquinas e implementos, plantio de outras espécies de maior valor agregado que pudessem acrescentar novas alternativas de renda, uso de tecnologias apropriadas ao aumento da produtividade agropecuária, dentre outras. Dentre os elementos necessários para a implantação de tais melhorias, os recursos financeiros foram citados pela maioria das jovens entrevistadas e também a necessidade dessas mudanças serem bem vistas aos olhos dos pais.

No meu ponto de vista, meu pai deveria trabalhar mais com a maneira técnica de trabalhar, acompanhar a evolução da tecnologia e crescer junto...cabeça aberta para aceitar de outra maneira... (ALUNA 34, 16 ANOS, PALMEIRA D'OESTE)

Eu acho que é investir em uma única atividade, dedicar à ela com o objetivo de obter lucros, investimento pensado e planejado, tipo um plano de negócios... (ALUNA 48,16 ANOS, JALES)

Melhorar o gado, investir na roça... (ALUNA 36, 16 ANOS, TRÊS FRONTEIRAS)

As respostas dos meninos em relação ao questionamento anterior foram parecidas com a resposta das meninas, apenas um deles citou a melhoria da casa (moradia) como condição para viver melhor na propriedade, neste caso essas mudanças também dependem principalmente do pai e de maiores recursos financeiros.

A partir do depoimento de um dos pais no que refere ao questionamento se a filha trouxe técnicas ou idéias que podem ser utilizadas na propriedade, pode-se verificar que a falta de recursos financeiros foi um fator determinante para a não implantação de melhorias relacionadas à propriedade, no entanto, nem sempre a família trabalha com a perspectiva de incorporar as sugestões colocadas pelas filhas:

Já deu [sugestão de mudanças na propriedade], mas a gente não tem como investir...ficou só nas idéias. (PAI DA ALUNA 34, 16 ANOS, PALMEIRA D'OESTE)

O que você acha que mais impediu? (PESQUISADOR)

Foi a questão do dinheiro... (PAI DA ALUNA 34, 16 ANOS, PALMEIRA D'OESTE)

Em relação aos jovens do sexo masculino, geralmente a aceitação das idéias por parte dos pais esbarra mais na questão financeira e não necessariamente nos demais fatores citados para as jovens do sexo feminino, já que os mesmos tendem a auxiliar os pais nos trabalhos laborais existentes na propriedade desde muito cedo “Ah estou nesta rotina desde muito cedo... sempre acostumado... já trabalho há uns 11 anos...” (ALUNO 1, 16 ANOS, URÂNIA). Também os conhecimentos são passados de pai para filho a partir de diferenças construídas socialmente entre homens e mulheres no campo.

Meu pai particularmente não...porque ele aceita também, porque eu comecei com ele, comecei a trabalhar com ele... a maioria das coisas que eu aprendi foi com ele, eu vim pra cá, aprendi coisas novas, termos técnicos, termos profissional...ele aceita bem... (ALUNO 5, 16 ANOS, URÂNIA)

Acho que lá não é difícil, mas é mais a parte financeira, precisa trocar... a gente já conseguiu trocar o trator, conseguiu comprar implementos... eu acho que é mais a parte financeira mesmo... aos poucos a gente tá conseguindo trocar. (ALUNO 52,16 ANOS, PONTALINDA)

Os resultados obtidos nesta pesquisa corroboram com outros estudos (DEERE; LEÓN, 2002; BRUMER, 2004) que ressaltam a exclusão das filhas mulheres da herança da terra como um dos fatores que influenciam no seu abandono do campo. Das jovens pesquisadas apenas uma citou o interesse de se estabelecer no meio rural e assumir a propriedade dos pais.

Para Abramovay (1988):

(...) é preciso diferenciar as situações nas quais a agricultura e o meio rural para os jovens são uma escolha preferencial daquelas que resultam, na verdade, da impossibilidade de realizar um projeto pessoal, seja em virtude do peso das relações patriarcais, do papel subordinado da mulher ou da impossibilidade de encontrar caminhos alternativos aos horizontes atuais (ABRAMOVAY, 1988, p.40).

Para Pais (2003) conhecer as singularidades do cotidiano dessas jovens é fundamental para compreendermos a percepção e a ação destas sobre o meio em que estão inseridas. Neste caso, os (as) jovens foram questionados em relação “Como é (era) um dia de vocês na propriedade/em casa?”:

Eu gostava quando eu estava em casa, eu de manhã ia ajudar o meu pai tirar o leite, às vezes ele me deixava chegar perto das vacas, andava no sítio e a tarde ia para escola... eu tinha muito contato com o sítio, mas eu tinha pouco contato com a profissão... a terra...porque eu era muito nova... (ALUNA 48, 16 ANOS , JALES)

Quando eu estou em casa eu aproveito para acordar um pouco mais tarde né...começo a arrumar a casa, ajudar minha mãe nas atividades domésticas, assisto televisão e durmo muito...não ajudo meu pai nas atividades rurais, meu irmão que ajuda, mas sempre estou informada. (ALUNA 34, 16 ANOS, PALMEIRA D'OESTE)

Já para os meninos um dia na propriedade é descrito assim:

Eu levanto cedo ajudo meu pai tratar dos animais, comida para os porcos, tiro leite das vacas, depois trabalho na laranja... na capina ou nos insumos agrícolas, mais tarde volto à trabalhar na laranja. (ALUNO 14,16 ANOS, SANTA SALETE)

Final de semana a gente levanta lá pelas 5 horas pra tirar leite...aí quando acabamos, lá pelas 9 horas, vamos cortar cana pra tratar do gado, quando chega em casa coloca nos cochos das vacas, almoçamos... tratamos dos porcos, vamos cortar cana de novo pra tratar do gado, aí a tarde terminamos os serviço... nós descansamos... (ALUNO 37, 16 ANOS, GENERAL SALGADO)

A partir desses depoimentos podemos verificar o comprometimento com as atividades desenvolvidas dentro da propriedade, ou até mesmo o grau de inserção desses jovens que possam caracterizar a vontade de permanecer ou não no meio rural. Neste caso, há uma significativa diferença nas respostas dada pelos meninos e meninas. Mesmo os jovens que voltam à propriedade nos finais de semana já possuem obrigações em relação ao trabalho realizado dentro da propriedade, não deixando de desenvolver atividades específicas relacionadas ao serviço em campo, neste caso, a vivência desde muito cedo com atividades

produtivas da propriedade, a partir do estímulo paterno, favorece o desenvolvimento de habilidades por parte dos jovens (meninos). Já as meninas parecem “frágeis” aos olhos dos pais, os quais impõem mais restrições ao desenvolvimento das atividades em campo do que para os meninos e em alguns casos as atividades ficam restritas ao espaço do lar. Essas diferenças de tratamentos destinados aos jovens e as jovens do meio rural, embora estejam se transformando, pois muitas das jovens chegam a questionar essas relações de desigualdades entre o universo masculino e feminino, ainda repercutem nos modos de ação desses atores dentro da unidade familiar, impondo na maioria das vezes uma condição de inferioridade da mulher no meio em que vive como se fosse algo *natural*, e as mulheres, muitas vezes, incorporam essa condição e não reconhecem sua importância neste meio.

De acordo com Bourdieu (2005, p. 17) a divisão sexual se mostra como natural, até inevitável para os agentes, pois está objetivada nas coisas, no mundo social e incorporada nos corpos e *habitus*, funcionando como sistemas de percepção, pensamento e ação. Isso porque existe uma concordância entre estruturas objetivas e cognitivas que leva a uma referência ao mundo que apaga as condições sociais que a torna possível, legitimando o arbitrário, como se fosse natural.

6.6. O lazer das jovens no meio rural

O lazer é um aspecto importante para a constituição da identidade do jovem. Para Barral (2005) a identidade do jovem é construída social e simbolicamente, através das diversas práticas de lazer. O autor liga o lazer à educação, ao afirmar que o lazer e as manifestações culturais estão assumindo, cada vez mais, o papel antes destinado à família, ao trabalho e à escola na formação da identidade do jovem, principalmente pela identificação com o grupo. Geralmente o lugar onde os jovens se encontram é nas escolas, praças públicas, na intenção de conversar, namorar e preencher o tempo livre (JUNGES, 2010).

Ao serem questionadas se participam de alguma atividade de lazer na área rural, as jovens listaram as seguintes atividades: pescar, andar a cavalo, acompanhar programas na TV, internet, sair com os amigos (as), jogar futebol e jogar vôlei. Um número significativo de jovens (5 do total de 13) responderam que não participam de nenhuma atividade, segundo elas por falta de atividade ou porque não identificam nenhum atrativo no meio rural.

Grande parte das jovens (5) só tem a televisão como fonte de lazer, o que demonstra a falta de opção no lugar onde vivem. Algumas citaram que, no tempo livre, saem com a família ou visitam parentes que moram na região.

No caso dos meninos, as atividades de lazer mais citadas foram andar a cavalo (principal atividade), pescaria e o futebol em campos localizados nas propriedades, 17 do total de pesquisados disseram não praticar nenhuma atividade, porque não dispunham de nenhuma opção no local. O uso da internet e assistir TV também foram citados por alguns dos jovens. Isto demonstra que as opções de lazer para os meninos e meninas no meio rural são parecidas e, às vezes, a falta de opção faz com que haja desinteresse por parte desses jovens em permanecer no local e passam a procurar outras atividades fora da propriedade (especialmente nas cidades) em busca de uma melhor qualidade de vida.

Para Carneiro (1999), o meio rural cada vez mais se torna um espaço heterogêneo, diversificado e não exclusivamente agrícola, e a juventude rural é a faixa demográfica afetada mais dramaticamente pela dinâmica das perdas das fronteiras entre os espaços urbanos e rurais, combinando com fato do agravamento da falta de perspectivas para os que retiram sua sobrevivência da agricultura. A perda das fronteiras urbano e rural faz com que o jovem rural aspire uma condição de vida melhor nas cidades, considerado o pólo “moderno” da relação. Os atrativos que se encontram nos centros urbanos para os jovens são muitos, como o acesso mais facilitado a cursos de ensino médio, técnico e à universidade, empregos, renda, lazer, entre outros, que no meio rural dificilmente são encontrados. Desta forma, pode-se dizer que as expectativas da juventude rural atualmente são diferenciadas (GODOY et al., 2009).

Por outro lado, Oliveira (2006) estudando o lazer e a melhoria da qualidade de vida dos jovens rurais de São João Evangelista/MG verificou que os jovens rurais, mesmo com poucas oportunidades de lazer, consideram o lugar como capaz de proporcionar-lhes algum tipo de lazer, contudo nem todos os jovens limitam sua perspectiva de lazer ao espaço circundante. Quando o interesse dos jovens rurais se direciona para os espaços, principalmente para fora da localidade, a busca de lazer pode tornar-se algo frustrante, já que exige recursos que muitos não possuem.

A falta de atrativos que motivem a permanência dos jovens no meio rural, principalmente as jovens, como opções de lazer, estudo, emprego, entre outros, tem configurado um sério problema na reprodução da agricultura familiar, uma vez que a inexistência destes são fatores levam os jovens a se deslocarem para os centros urbanos e muitos optam por não retornarem a unidade familiar. Assim, estudos relacionados a esta questão são imprescindíveis para a busca de respostas e soluções à permanência do jovem no campo.

6.7. A relação das jovens com a Etec Jales

O acesso ao estudo para as moças vai muito além da conquista da independência familiar e da possibilidade de emprego na cidade, uma vez que a formação educacional fortalece seus planos futuros, “(...) com amplitudes que se estendem até outras dimensões do campo profissional e da vida, vendo no acesso aos estudos a possibilidade de questionar padrões, conceitos e comportamentos, sobretudo aqueles que restringem a sua liberdade no espaço rural” (STROPASOLAS, 2002, p.306). Neste caso, saber como as jovens que estudam na Etec Jales pensam suas relações com Escola, possibilita compreender como vivenciam a condição de jovem estudante, considerando as práticas de sociabilidade, a relação com o conhecimento, bem como os significados que são atribuídos à educação escolar.

Para o diretor da Etec Jales, o ingresso de um número maior de meninas no vestibular do Curso Agropecuária está diretamente relacionado ao mercado de trabalho.

O fato que mais inibe as meninas estarem presentes na escola, acho que nem é a questão física [exigências do curso e do trabalho], mas elas não conseguem ver espelho de colocação no mercado de trabalho, são raros os casos das meninas que terminam o curso, tenham atrativos que estimulem alguém a vir ... o mercado de trabalho não absorve as meninas com a mesma capacidade que absorve os meninos. Então o que estimula um aluno sair lá de Carneirinho...lá da Vila... e vir para escola é o primo dele, alguém que ele conhece que fez a Escola e tá trabalhando bem, em algum lugar ganhando bem. Ele não consegue ver a menina com este mesmo êxito (DIRETOR DA ETEC JALES).

Para as jovens pesquisadas, os motivos de escolha do curso estão relacionados ao gosto/identificação com as áreas (6); realização do ensino médio/curso técnico junto (2); influência de amigos/parentes (2) e outros motivos (3). É válido observar que a maioria das pesquisadas filhas de agricultores escolheram cursos ligados a área à agropecuária, sendo que (11) optaram pelo curso Técnico de Produção Agropecuária, (2) pelos cursos técnicos em Agronegócios e Alimentos.

Os motivos apontados pelas jovens que as levou a estudarem na Etec Jales, na maioria (7) dos casos, foram atribuídos a fatores ligados à identificação com a área rural/curso; ao ensino de boa qualidade (4); à influência de amigos e parentes e à possibilidade de continuar estudos. A maioria delas foi apoiada pela família (10), e a questão de viver no meio rural e a

presença de um ensino técnico de qualidade mais próximo da região onde vivem, influenciou bastante nesta escolha:

Ah... elas decidiram... elas quiseram estudar lá e nós deu apoio...nós gostamos muito porque lá é uma escola rígida... boa (PAI DA ALUNA 9, 17 ANOS, SANTA SALETE).

Ela falou da Escola, falou que era melhor estudar lá do que em Palmeira [município onde os pais moram]. Então a gente deu apoio (PAI ALUNA 34, 16 ANOS, PALMEIRA D'OESTE).

Para os jovens do sexo masculino os motivos de escolha do curso e da escola são bastante semelhantes ao das jovens do sexo feminino, ficando em primeiro lugar a identificação com a área do curso. Neste caso, aspectos relacionados com a influência de amigos e parentes, ensino de boa qualidade, entre outros, são comuns aos meninos e meninas.

O apoio dos pais nas decisões das jovens na continuação dos estudos foi essencial para as mesmas permanecerem na escola, a partir do momento que o (a) jovem tem o consentimento e estímulo da família para continuação dos estudos, algumas dificuldades enfrentadas dentro e fora da escola são amenizadas, porque se sentem mais seguros em suas escolhas. Uma vez que eles entendem que a elevação da escolaridade para estes jovens são importantes estratégias na melhoria de sua qualidade de vida, dessa forma passam a refletir sobre seu futuro e a possibilidade de permanência no meio rural.

Ah quando eu vim pra cá, foi sentindo que eu queria mesmo, eu tive oportunidade de vir, eu vim mais porque eu queria mesmo, ele sempre me incentivou, que era um lugar bom... (ALUNO 29, 14 ANOS, TRÊS FRONTEIRAS)

Ah... eles me apoiaram.. (ALUNA 48, 16 ANOS, JALES)

Houve dois casos em que a escolha em relação ao curso/escola a princípio não foi apoiada pelos pais, principalmente entre as jovens, já que a idéia de estudar numa *escola agrícola* (como é conhecida entre a população local a Etec Jales), nem sempre é bem vista por parte da família, no entanto, a partir do momento que entraram na escola e passaram a

demonstrar seus conhecimentos adquiridos ao longo da trajetória escolar, esta situação foi modificada.

Quando eu entrei minha mãe não era muito a favor, meu pai não teve muita oportunidade, aí com o passar do tempo... minha mãe está totalmente a favor...eles me apóiam. (ALUNA 36, 16 ANOS, TRÊS FRONTEIRAS)

Embora as jovens tenham mencionado que participam com menor frequência ou não executam determinadas tarefas na propriedade dos pais, os conhecimentos adquiridos no meio rural foram imprescindíveis ao bom desempenho nas disciplinas do curso na área agropecuária, estes, passados de geração em geração, contribuíram para a desenvoltura das alunas durante sua trajetória escolar. A prática já adquirida dentro da propriedade facilita a compreensão do conteúdo teórico passado, bem como o aprimoramento de técnicas que poderiam ser aplicadas na propriedade. Todas as jovens mencionaram que as experiências vividas no meio rural têm ajudado nas disciplinas do curso, entretanto, a aplicação dos conhecimentos adquiridos na Etec Jales dentro da propriedade tem sido comprometida principalmente pelas relações patriarcais e de gênero estabelecidas no meio rural. Assim os pais tendem a não aceitar interferências no modo de produzir e trabalhar na propriedade e a filha sendo jovem e mulher não pode opinar nessas questões. Já os jovens do sexo masculino, embora também sofram restrições, têm mais oportunidade e “liberdade” para propor e aplicar os conhecimentos técnicos adquiridos em sala de aula.

Não aplico... meu pai já tem o jeito dele de trabalhar... (ALUNA 48, 16 ANOS, JALES)

Aprendi legal acaba saindo legal, se tenta de um jeito sai de outro...aprendi a mexer com leite, com manuseio do leite em aula, aprendi... eu chegava... ah pai, faz desse jeito vai dar certo... ele fazia ou eu fazia dava certo... (ALUNO 30, 15 ANOS, SANTA ALBERTINA)

Pode-se verificar que a ampliação dos estudos para os jovens, principalmente entre as jovens do sexo feminino, é uma das estratégias criadas em busca de mudanças na vida pessoal e profissional, já que frequentar a escola tem contribuído para uma maior socialização e formação de identidade. A maioria das jovens pesquisadas (12) planeja continuar os estudos

para ampliar as chances no mercado de trabalho, melhorar a renda familiar e adquirir certa independência em relação aos pais.

Buscou-se também verificar entre as jovens qual a avaliação que tinham a respeito do curso que realizavam na Etec Jales. Dentre as jovens pesquisadas (7) responderam que o curso é “bom” e que havia atendido as expectativas; outras (5) consideraram o curso “muito bom”, tendo superado as expectativas; e somente uma aluna avaliou o curso como regular, pois considerava que faltava incentivar e motivar os alunos.

Cabe observar que a recente integração do ensino médio com a formação técnica para que os jovens busquem o mercado de trabalho após a conclusão do curso pode contribuir para o desenvolvimento das atividades na propriedade e/ou a obtenção de emprego na área técnica, no entanto, a introdução de disciplinas profissionalizantes diminui a carga horária de formação geral (Ensino Médio), o que pode prejudicar parte dos (as) jovens que pretendem prestar o vestibular para cursos superiores.

Se muitos jovens reclamam, com razão, da falta de autonomia e oportunidade na propriedade dos pais, vale ressaltar que muitas vezes os jovens pretendem que as mudanças sejam radicais ou adotam uma perspectiva de imposição de novas e modernas técnicas que aprenderam na Escola, o que acaba gerando conflitos, uma vez que as trocas de experiências também nem sempre são aceitas pelos jovens que tendem a desvalorizar o conjunto de saberes dos pais agricultores. É necessário diálogo, ainda que permeado por visões diferenciadas:

De vez em quando ele briga comigo... aí eu saio..daqui a pouco eu vou lá... às vezes ele ta fazendo igual eu falei... parecido... aí então tá fazendo como eu falei, porque está brigando?... Mas porque ele briga? Isso que eu não entendo, eu falo para ele... explico... (ALUNO 14, 16 ANOS, SANTA SALETE)

Para Sposito (1996) a construção da identidade do jovem, essencial para compreendê-los, se dá através da compreensão que esse jovem tem dele mesmo e do reconhecimento externo dessa percepção na construção de bases de identificação dos jovens com seu meio social. Há ainda a existência de estereótipos que envolvem a imagem do camponês brasileiro: o estereótipo de Jeca Tatu.

Quando questionadas se há preconceito em relação aos moradores da área rural e/ou filhos de agricultores a grande maioria das jovens (84,61%) entrevistadas disseram que sim, neste caso, as mesmas relatam que o preconceito seria em relação à maneira de falar, até mesmo em relação ao fato de ser mulher e estudar na *escola agrícola*. São usadas várias

alcunhas para denominar as pessoas que vivem no meio rural pelos colegas de Escola, segundo mencionaram os alunos (as): “caipira”, “jacu”, “rural pé de barro, pé sujo” , “pé vermelho”. Estes aspectos presenciados em estudos com jovens rurais foi denominado por Stropasolas (2002) de “violência simbólica”: os jovens sofrem preconceito e discriminação por não se comportarem ou se expressarem nas gírias ou palavras criadas na cidade.

No caso dos meninos 21,7% (15) identificaram comportamentos preconceituosos que se expressavam em brincadeiras, insinuações e críticas em relação ao modo de falar/sotaque, tipo de vestimenta, ao tênis com terra na sola, ao modo vida rural e a uma suposta inferioridade cultural.

Segundo Vasconcelos e Andrade (2004), a escola enquanto produtora de práticas e significações diversas possui um papel importante na construção de identidades e relações de poder. Pelos dados da pesquisa verifica-se que os (as) jovens rurais enfrentam discriminações em relação ao espaço rural em que vivem, o que de certa forma influencia nas interações sociais e na construção de suas identidades. Assim, muitas vezes, passam a construir uma imagem de inferioridade em relação aos alunos oriundos de áreas rurais em relação aos alunos residentes em áreas urbanas, contribuindo para construção de grupos sociais distintos (campo x cidade) e que não mantém uma boa convivência/relação entre si.

A divisão sexual do trabalho dentro da escola por parte dos professores, funcionários e coordenadores, faz com que as jovens tenham menores possibilidades de desenvolver atividades relacionadas à área técnica. As jovens, frequentemente, são encarregadas de atividades práticas específicas, de mais fácil desenvolvimento, mas sem grandes contribuições para a formação técnica das mesmas, enquanto aos jovens são destinadas atividades que contribuem para o conhecimento/formação técnica e conseqüentemente estes adquirem maiores habilidades na área do que as jovens, de acordo com o depoimento de uma das jovens.

Na Escola em escalas, por exemplo, a gente acaba caindo nas áreas de horta, nas áreas mais delicadas, a gente acaba não aprendendo mesmo as coisas pesadas, porque eles preferem deixar a gente nas coisas mais simples e na questão de organização, se a gente vai fazer um trabalho... o cabeça do grupo sempre vai ser um homem, nunca uma mulher... eles fazem mais e acabam se sobressaindo ..acaba ganhando mais nota... (ALUNA 48, 16 ANOS, JALES)

Em algumas situações são os próprios alunos (meninos) que excluem ou dificultam o trabalho e o aprendizado das meninas, como se verifica pelo seguinte depoimento:

Muitas vezes os meninos não quer deixar fazer, uma porque eles gostam demais e a gente não tem preferência na sala e uma que a gente só tá em três na sala e acaba que eles fazem ... se vai fazer algum grupo, algum projeto, se a gente não botar a cara pra fazer eles não vão chamar. Eles vêem a gente como inferior. (ALUNA 34, 16 ANOS, PALMEIRA D'OESTE)

A essência desse processo continua favorecendo os rapazes, uma vez que homens mais familiarizados com a lida do campo estão mais preparados para enfrentar os novos empreendimentos sozinhos. As mulheres não são encorajadas para tal, o espaço dado a elas na agricultura familiar continua ínfimo (JUNGES, 2010).

É preciso que haja o nivelamento das atividades oferecidas pela Etec Jales nos cursos direcionados à área agropecuária, para que o ensino não seja prejudicado por questões de gênero, dessa forma, é extremamente importante inserir projetos que não privilegiem somente os alunos do sexo masculino, que possa contextualizar as dificuldades e problemas enfrentados pelas jovens nas atividades relacionadas a parte prática em campo, assegurando a participação das mesmas em condições de igualdade.

6.8. Visão das alunas, profissão e mercado de trabalho para as egressas da Etec Jales e Planos para o futuro

Os motivos da permanência/saída dos jovens do meio rural têm instigado, no período recente, várias pesquisas sobre o tema, já que tal fato tem reflexos diretos na reprodução e desenvolvimento da agricultura familiar. Segundo dados da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura – CONTAG (2005), aproximadamente 36% da população economicamente ativa no mercado de trabalho rural é composta por mulheres; a mão de obra feminina tem sido absorvida nos trabalhos temporários, sem a garantia de direitos e sem investimentos na formação profissional; quase dois terços das mulheres rurais engravidam entre 15 e 21 anos e quase a metade não utiliza nenhum método contraceptivo, estes configuram alguns aspectos que influenciam a permanência ou a saída da jovem mulher do meio rural.

Muitas vezes são os próprios pais que incentivam a saída dos filhos, mesmo que estes tenham interesse em permanecer na propriedade. Esta atitude se deve aos resultados considerados insatisfatórios pelos produtores em relação ao trabalho na agricultura e também, em parte, a uma imagem distorcida do campo em relação à cidade, mantendo certa ilusão de

que a vida na cidade oferece “maiores” oportunidades, o que leva a desvalorização da atividade agrícola como fonte de manutenção da família. No caso específico das meninas, a permanência é ainda mais dificultada, uma vez que a chance delas se estabelecerem como agricultoras ou esposas de agricultores são reduzidas.

Meu pai não quer que eu continue, meu pai fala todo dia ... estudar para eu garantir uma coisa melhor... melhor pra gente, pra mim e para minha mãe... (ALUNA 75, 15 ANOS, SÃO FRANCISCO)

Ele acha que o sítio não tem nenhum futuro? (PESQUISADOR)

Não porque o produtor não é valorizado né... pequeno produtor... (ALUNA 75, 15 ANOS, SÃO FRANCISCO)

Ah, eu até que queria ir pro sítio assim, mas o meu pai ... ele não queria que eu trabalhasse no sítio assim de agricultor... (ALUNO 71, 15 ANOS, SANTA FÉ DO SUL)

A pesquisa buscou levantar entre as jovens rurais quais seriam os motivos que levam os (as) jovens (em geral) permanecerem ou a saírem da área rural e/ou trabalho na agropecuária. Quanto aos motivos de permanência no campo as jovens citaram aspectos positivos como o fato do jovem se identificar, gostar da área rural, mas também atribuíram permanência a fatores ligados à baixa escolaridade, à falta de opção/chance de ficar na cidade, entre outros. Em relação aos motivos de saída dos (as) jovens do meio rural as meninas apontaram a busca de novas oportunidades; de melhorias nas condições de vida; as maiores atrações na cidade; a dificuldade para trabalhar na área rural; a falta de lazer; a falta de interesse em permanecer no campo, mas também foi citada a “ilusão”. Para os meninos as respostas foram semelhantes, sendo mencionado entre eles como principal motivo de saída do campo a não identificação com a área rural e o de permanência, o gosto/identificação com a vida no campo e o trabalho na agricultura.

Com relação aos planos futuros e ao que as jovens pretendem fazer após a conclusão do curso, 83,2 % das meninas disseram que pretendem realizar um curso superior. Dentre os cursos mais citados aparecem Agronomia (6) e Ciências Biológicas (2); já Medicina Veterinária, Engenharia Civil e Engenharia Ambiental, embora mencionadas, o foram por menor número de alunas. Apenas duas citaram que pretendem trabalhar na área técnica que estavam formando e apenas uma das jovens manifestou interesse em trabalhar na propriedade dos pais. Isto demonstra um relativo desinteresse por parte das jovens em assumir a

propriedade dos pais, talvez pela falta de perspectiva/possibilidade de que isso aconteça. A grande maioria tem preferência em prolongar a escolaridade (10), buscando obter um diploma de curso superior, que de certa forma seria a garantia de independência em relação à família. A vontade de não permanecer no campo e de não trabalhar na agricultura é mais evidente entre as repostas das meninas.

Eu daqui a 10 anos eu pretendo estar formada ... em outro país, pretendo estar na África... ou num lugar bem longe daqui, lugar tipo o nordeste... (ALUNA 48, 16 ANOS, JALES)

Bom eu quero me profissionalizar na área, no setor, e quero aplicar o conhecimento na propriedade, daqui a dez anos eu cuidar da propriedade (ALUNO 37, 16 ANOS, GENERAL SALGADO).

Ainda é comum entre os jovens a incerteza em relação aos planos futuros, uma vez que estão num período de constantes mudanças, que leva muitas vezes a escolhas diferentes, mesmo quando decorrido pouco tempo entre uma fase da pesquisa e outra. Para as jovens essas incertezas parecem ser mais marcantes: duas das jovens entrevistadas mencionaram na primeira fase da pesquisa um determinado curso que fariam após a conclusão do curso e mudaram a opção na segunda fase da pesquisa (de Agronomia para Medicina, em um caso; e de Engenharia Civil para Ciências Biológicas em outro).

Para os meninos seus planos geralmente são mais claros e a intenção de permanecer na propriedade tanto no presente quanto no futuro é manifestada com maior frequência, porque vêm no meio rural a possibilidade de concretização de seus projetos (constituir família, trabalhar na propriedade, ter renda própria, etc.). Uma parte significativa dos alunos não pretende continuar os estudos (36,2% do total pretendem trabalhar na área técnica e 8,7% trabalhar na propriedade dos pais). As possibilidades de inserção no mercado de trabalho e de sucessão da propriedade, que de certa forma, é maior ou mais facilitada ao jovem rural do sexo masculino, são alguns dos fatores que podem influenciar esta decisão. Segundo Oliveira et al. (2009) para os jovens o estudo assume o sentido da profissionalização, associado ora à ampliação dos conhecimentos sobre a produção agrícola, ora possibilitando diretamente uma melhoria no trabalho da família no lote, ora criando a possibilidade de arrumar trabalho mais fácil e melhor remunerado na cidade.

Ser produtor rural, trabalhar numa empresa... (ALUNO 71, 15 ANOS, SANTA FÉ DO SUL)

Trabalhar na propriedade... casamento... família... filho... (ALUNO 1, 16 ANOS, URÂNIA)

Eu quero acabar aqui e ver se mexo com a minha roça, minha mãe tem duas faculdades e eu não quero... eu sou do contra... (ALUNO 46, 17 ANOS, JALES)

Quanto às jovens, ao serem questionadas sobre quem estaria na propriedade daqui a dez anos, apenas uma delas demonstrou interesse em permanecer no meio rural. Nos demais casos a propriedade continuaria sob a administração dos pais ou então seria assumida pelo irmão que ficou no estabelecimento.

Quem vai estar lá daqui a 10 anos? Você vai estar lá? (Pesquisador)

Eu não, a gente vai mudar pra cidade esse ano, aí o sítio vai ficar lá, o meu pai vai tirar o leite dele (...) (ALUNA 48, 16 ANOS, JALES)

O meu irmão que ajuda meu pai, ele tem 22 anos... (ALUNA 9, 17 ANOS , SANTA SALETE)

Daqui a dez anos... eu quero ser uma bióloga de alta qualidade profissional e pretendo trabalhar no lote. (ALUNA 34, 16 ANOS , PALMEIRA D'OESTE)

A incerteza de quem assumirá a propriedade leva os pais a manter a gestão das atividades por mais tempo, muitas vezes até quando não tiverem mais condições de continuar por fatores relacionados à idade, à saúde e ao desgaste físico. Isto compromete o desempenho produtivo dos estabelecimentos rurais, que estão sem a perspectiva de sucessão e contribui para o fenômeno que os pesquisadores denominam de envelhecimento da população do campo. Isto pode ser verificado a partir do depoimento de um dos pais das alunas pesquisadas, que teve duas filhas que estudaram na Etec em cursos ligados a agropecuária (somente uma delas foi objeto da pesquisa):

Quando o senhor não puder quem vai assumir a propriedade? (PESQUISADOR)

Aí é difícil... empregado não pode por...a gente vai tocando eu e a mulher... até uns 60 anos pode ser que eu agüento.... (PAI DA ALUNA 9, 17 ANOS, SANTA SALETE)

Nenhuma assumiria a propriedade? (PESQUISADOR)

Acho difícil... não volta... vai pra cidade não volta! (PAI DA ALUNA 9, 17 ANOS, SANTA SALETE)

Uma das filhas cursa agronomia no período noturno, mas como está casada (união conjugal) e o marido não é do ramo da agricultura, o pai acredita que a filha, depois de ter saído da propriedade, dificilmente retornará.

Embora a participação da mulher no mercado de trabalho seja crescente, o desequilíbrio das relações de gênero quanto às ocupações e renda ainda é preocupante. Segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada- IPEA (2010), as mulheres recebem menos e ocupam posições mais precárias, são as mulheres que mais enfrentam dificuldades na inserção profissional em sua área de formação. Já o IBGE (2009) revela que as mulheres possuem rendas inferiores às dos homens em todos os estados brasileiros e em todos os níveis de escolaridade.

Diante das condições de instabilidade, as mulheres preferem ficar em outra área com mais segurança (BEGNANI, 2010), em outros casos, muitas optam por continuar os estudos para obter uma vida melhor longe da propriedade de seus pais.

A escolha da área de formação escolar para os jovens rurais está relacionada com alguns fatores como: a identificação com a área rural, estar habituado ao modo/estilo de vida rural e a influência de amigos / familiares, entre outros. Para os jovens do sexo masculino, cursos voltados à área agropecuária podem ser uma opção na melhoria do desempenho das atividades dentro do estabelecimento familiar e um modo de permanecer ligado ao campo. Para as meninas nem sempre esta escolha está ligada a tais fatores. Em muitos casos é a falta de opção ou o fato de não conseguir aprovação no curso da área pretendida, influenciou a decisão de estudar na Etec Jales.

Antes de entrar na Escola eu queria ser advogada, mas depois eu entrei aqui... (ALUNA 75, 15 ANOS, SÃO FRANCISCO)

Hoje também, você queria ser advogada? (PESQUISADOR)

Às vezes... se eu passar em alguma coisa... (ALUNA 75, 15 ANOS, SÃO FRANCISCO)

Segundo Bonfim (2009) a agropecuária, dentre as vinte áreas profissionais cadastradas, é uma das onze¹⁵ consideradas masculinas. Pode-se constatar pela pesquisa realizada na Etec Jales, uma menor taxa de participação das mulheres na matrícula para os cursos voltados à esta área, que pode estar relacionada a este fato.

Segundo o diretor da Etec Jales, a menor procura por parte das meninas pelos cursos voltados à Agropecuária está relacionada ao mercado de trabalho, a aspectos de ordem cultural e à falta de alojamento feminino na Escola.

Eu não sei mensurar qual seria o fator mais importante... se é a questão do emprego lá na frente, o aspecto cultural (pai e mãe não deixam) ou por não ter o alojamento. (DIRETOR DA ETEC JALES).

Em pesquisa realizada por Begnani (2010) em relação ao ingresso na carreira profissional de técnico Agropecuário foi constatado que 76% exercem funções compatíveis com a sua formação e entre as mulheres este percentual é de 58%. Em outras ocupações, a maior taxa é das mulheres, 43% contra 27% dos homens. Estes dados reforçam a maior participação dos homens nas atividades profissionais voltadas à agropecuária.

Assim, o papel desempenhado pelas mulheres no campo não tem funcionado como atrativo para essas jovens estudantes, o que desencadeia preocupação em relação ao futuro e à carreira.

Em depoimento uma das jovens pesquisadas remete sua preocupação em relação à saída da escola e o exercício profissional da carreira na área técnica, baseada no estágio que fez em uma empresa de insumos da região.

(...) Isto desmotiva muito a gente quando a gente sair daqui, por causa de emprego, é muito pequena a área pra mulher, só em usina de cana mesmo que a mulher está sendo empregada na área agrícola... as próprias mulheres dos produtores rurais não gostam, porque tá no campo, tá com o marido, vai olhar praga, elas não gostam, e porque tá sozinho, né... O produtor não confia em técnica mulher... (ALUNA, 48, 16 ANOS, JALES)

¹⁵ Agropecuária, Recursos Pesqueiros, Indústria, Mineração, Química, Construção Civil, Geomática, Comércio, Transporte, Telecomunicações e Informática. Fonte: Bonfim (2009).

A mesma jovem também cita que há certa “preferência” de indicação de meninos para estágio ou oportunidade de emprego, por parte dos funcionários da escola, o que tem dificultado a entrada das jovens no mercado de trabalho.

Quando os funcionários da Escola (professores, coordenadores, diretor, etc.) são solicitados a indicar um técnico (a) para estágio ou oportunidade de emprego, geralmente a indicação é para alunos do sexo masculino (tidos como mais responsáveis e com maiores habilidades em campo), a própria escola não acredita na formação que é dada às mulheres e quando estas conseguem se inserir no mercado de trabalho agropecuário, tem que provar constantemente sua capacidade. (ALUNA, 48, 16 ANOS, JALES)

Esta divisão social e sexual do trabalho influencia nas decisões das jovens, pois as mesmas não conseguem inserir-se no mercado de trabalho com a formação escolhida, se vêem excluídas dos processos de sucessão, situações estas que desvalorizam a força do trabalho feminina e legitimam a inferiorização das jovens mulheres no campo. Para Alves (2010) ainda é preciso superar o preconceito sobre o poder das mulheres desenvolverem trabalhos considerados de homens.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que as relações entre meninos e meninas no meio rural sejam desiguais, os estudos acerca dos jovens rurais têm contribuído para o entendimento do processo que motiva esses jovens a saírem do campo em direção às cidades, principalmente as jovens. Dessa forma, as estratégias criadas por esse segmento social influenciam as dinâmicas familiares e consequentemente podem comprometer o futuro da agricultura familiar, assim há necessidade de maiores políticas públicas dirigidas aos jovens (e às jovens) que possam dar opções de permanência dos mesmos no meio em que vivem.

Para as meninas do sexo feminino a principal estratégia criada por elas para superação das condições desiguais existentes em relação ao trabalho no campo, às relações familiares e de gênero, tem sido a ampliação da escolarização, já que os estudos são vistos como uma importante ferramenta para a socialização e construção de seus projetos de vida, estes normalmente não relacionados ao meio rural. Para os meninos o significado da escola nem sempre é visto como abandono do meio em que vivem, uma vez que muitos buscam os

estudos para adquirirem conhecimento técnico que serão aplicados para exercerem uma profissão ligada à agropecuária e, alguns, para assumirem o estabelecimento familiar.

No caso das jovens estudantes da Etec Jales a divisão sexual do trabalho dentro da Escola pode estar dificultando a aplicação prática dos conhecimentos técnicos adquiridos na teoria, o que também restringe a inserção no mercado de trabalho. Estes fatores têm desestimulado as jovens a seguirem carreira na área técnica pretendida, conseqüentemente, isto tem levado a um menor número de egressas de cursos voltados à agropecuária. Entre os meninos as chances de inserção neste mercado de trabalho têm sido muito boas, ao ponto de parte das vagas não serem preenchidas, revelando as distinções existentes neste setor em relação a homens e mulheres. A Escola tem condições de desempenhar um importante papel na formação dos(as) jovens, mas é necessário considerar todos os aspectos relacionados às diferenças e especificidades existentes entre moças e rapazes neste âmbito, a partir de um projeto pedagógico que contextualize os desafios e dificuldades enfrentados pelos alunos.

O papel desempenhado pela jovem mulher no contexto familiar, ainda é visto como “ajuda” uma vez que as atividades desempenhadas dentro da propriedade são restritas, tanto em relação “ao fazer”, quanto à decisão “do que se deve fazer”, resultando em uma menor participação destas na propriedade. Em alguns casos as próprias jovens não reconhecem a sua importância no meio em que vivem e essas diferenças marcantes tem sido decisivas na constituição de suas trajetórias de vida, na medida em que passam a almejar uma vida diferente dos pais e seus planos futuros se remetem a mudança do meio rural.

Em muitos casos a falta de espaços de lazer, possibilidades de trabalho e estudos, tem desestimulado os jovens a permanecerem no campo, assim, a migração para a cidade se torna uma estratégia para a mudança no estilo de vida. Esta visão negativa em relação ao campo por parte dos jovens tem comprometido os processos de sucessão dentro das propriedades, assim, sem perspectivas dos filhos assumirem o estabelecimento, os pais procuram desenvolver as atividades por mais tempo, no entanto, o desempenho dessas atividades é afetado por diversos fatores como idade, condição física, falta de mão-de-obra, etc, o que acarreta a diminuição do rendimento produtivo nesses estabelecimentos. Mesmo que alguns pais queiram que seus filhos (as) assumam a propriedade, estes estimulam os mesmos a estudar e a conquistarem um emprego fora do estabelecimento e ter uma outra profissão (de modo que não sejam *apenas* agricultores), como forma de melhoria de vida independente do local de moradia.

A saída ou permanência dos (as) jovens no meio rural é uma questão que ultrapassa a manifestação do desejo de “ficar ou sair”, mas está ligada também a uma avaliação positiva sobre o estilo/modo de vida rural, a identificação com o meio rural e como se vêem inseridos

neste. Assim, enxergar os motivos que levam esses jovens a permanecerem ou não no campo, suas perspectivas, conflitos, dificuldades e desafios enfrentados, possibilita uma maior compreensão da realidade em que vivem moças e rapazes no campo, reforçando a importância desses jovens como uma categoria importante e modificadora do meio em que vivem.

8. REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. ; FERRARI, D. L.; SILVESTRO , M. L.; MELLO, M. A.; TESTA, V. M. Dilemas e estratégias dos jovens rurais: ficar ou partir. *Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 236-271, 2005.

ABRAMOVAY, M.; WASELFISZ, J. J.; ANDRADE, C. C.; RUA, M. G. *Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília*. 3. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. 276 p.

ABRAMOVAY, R.; SILVESTRO, M. L.; MELLO, M. A.; DORIGO, C.; BALDISSERA, I. T. *Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios*. Brasília: Unesco, 1998. 104 p.

AGUIAR, V. V. P; ROSA, E. P. Sistemas de produção e gênero na agricultura familiar. In: SEMINÁRIO FAZENDO GÊNERO CORPO, VIOLÊNCIA E PODER, 8., 2008, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UFSC, 2008. p. 1- 6 .

ALVES, M. Z.; CARVALHO, G. B. B. de. Metodologia de trabalho com jovens: algumas reflexões a partir de uma experiência. In: ENCONTRO DE EXTENSÃO DA UFMG, 7., 2006, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG, 2006. Disponível em: <<http://www.ufmg.br/proex/arquivos/7Encontro/Cultura18.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2011.

ANTUNIASSI, M. H. R.; AUBRÉE, M.; CHONCHOL, M. E. F. de. De sitiante a assentado: trajetórias e estratégias de famílias rurais. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 7, n. 3, p. 125-132, jul./set., 1993.

ARAÚJO, A. P. M. Pobreza, juventude e drogas no Rio de Janeiro: algumas razões contemporâneas do porquê se atraem em pauta: *Revista da Faculdade de Serviço Social da UERJ*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 11, p. 239-259, 1997.

BARRAL, G. Práticas reprodutivas e transformadoras na escola pública. **Revista Línguas e Letras**, Cascavel, v. 6, n. 11, p. 1-9, 2005. ISSN: 1517-7238. Disponível em: <<http://www.e.revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/download/884/749>>. Acesso em: 1 jan. 2011.

BRANDÃO, C. R. **A partilha da vida**. São Paulo: GEIC/ Cabral, 1995. 98 p.

BONI, V. Agroindústrias familiares: uma perspectiva de gênero. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 30., 2006, Caxambu. *Anais...* Caxambu: UFC, 2006. p. 1-14.

BONFIM, M. do C. A. do. Agregação de juventudes: múltiplos olhares. In: BONFIM, M. do C. A.; MATOS, K. S. L. (Org.). *Juventudes, cultura de paz e violências na escola*. Fortaleza: UFC, 2009. p. 46-67.

BRASIL. Fundo de População das Nações Unidas. *Direitos da população jovem: um marco para o desenvolvimento*. Brasília: UNVPA, 2003. 112 p.

BRUMER, A.; PANDOLFO, G. C.; CORADINI, L. Gênero e agricultura familiar: projetos de jovens filhos de agricultores familiares na Região Sul do Brasil. In: SEMINÁRIO FAZENDO GÊNERO CORPO, VIOLÊNCIA E PODER, 8., 2008, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UFSC, 2008. p. 1-15.

BRUMER, A.; ROSAS, NUNES, E. L.; WEISHEIMER, N. Juventude rural e divisão do trabalho na unidade de produção familiar. In: CONGRESSO DA INTERNATIONAL RURAL SOCIOLOGY ASSOCIATION- IRSA, 10., 2000, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: IRSA e SOBER, 2000. p. 1-18.

BRUMER, A.; PAULILO, M. I. As agricultoras do sul do Brasil. *Estudos feministas*, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 360, janeiro-abril/2004.

BRUMER, A. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: CONGRESSO LATINOAMERICANO DE SOCIOLOGIA RURAL, 7. , 2004, Quito. *Anais...* Quito: UFRPE, 2004. Disponível em: <<http://www.alasru.org/cdaldasru2006/02%20GT%20Anita%20Brumer.pdf>>. Acesso em: 5 jun. 2011.

BOURDIEU, P. *Le bal des célibataires: crise de la société paysanne en Béarn*. Paris: Éditions du Seuil, 2005. 30 p.

_____. *Stratégies de reproduction et modes de domination. Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Paris, n. 105, p. 3-12, 1994.

_____. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990. 234 p.

CAMARANO, A. A.; ABRAMOVAY, R. *Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos 50 anos*. Rio de Janeiro: IPEA, 1999. 12 p. (Texto para discussão, 621).

CAMPOLIN, A. I. When the school is urban and the students are rural: a case study of rural students in urban college. In: WORLD CONGRESS OF RURAL SOCIOLOGY, INTERNATIONAL RURAL SOCIOLOGY ASSOCIATION, 10., 2005. *Anais...* Rio de Janeiro: UFRJ, 2005. 1CD-ROM.

CASER, D. V.; TSUNECHIRO, A. Previsões e estimativas das safras agrícolas do Estado de São Paulo, ano agrícola 2009/10, 5º levantamento, fevereiro de 2011. *Informações Econômicas*, São Paulo, v. 45, n. 4, p. 54-69, abr.2011.

CASTELO BRANCO, P. S. *Relatório técnico-científico sobre os remanescentes de Quilombo de Bombas, Iporanga*. São Paulo: ITESP, 2003. 120 p.

CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. (Org.). *Juventude rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. 220 p.

CARNEIRO, M. J. Significados da pluriatividade para a família rural. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL, 8., 2005, Brasília. *Anais...* Brasília: MAUAD, 2005. p. 26-39

_____. Herança e gênero entre agricultores familiares. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 22-55, 2001.

_____. O ideal rurano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: TEIXEIRA DA SILVA, F. C.; SANTOS, R.; COSTA, L. F. C. (Org.). *Mundo rural e política*. Rio de Janeiro: Campus/Pronex, 1998. 20 p.

CASTRO, E. G. *Entre ficar e sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural*. 2005. 444 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social)- Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, 2005.

CENTRO PAULA SOUZA. *Escolas técnicas*. São Paulo: CEETEPS, 2008. Disponível em: <http://www.ceeteps.br/Ete/Escolas/S_J_Rio_Preto/Jales_ETE_Dr_Jose_Luiz.html>. Acesso em: 20 abr. 2008.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES NA AGRICULTURA-CONTAG. *Relatório de pesquisa juventude rural*. São Paulo: USP, 2005. Disponível em : <www.contag.org.br>. Acesso em: 13 maio 2010.

CUNHA, A. D. C.; SCHULZE, M. B.; TEMOCHE, M. D. R. Relações de poder na organização do trabalho na agricultura familiar: estudo comparativo. *Qualit@*, Paraíba, v. 6, n. 2, p. 1-18, 2006. Disponível em: <<http://www.quali.com.br/revista>>. Acesso em: 2 abr. 2011.

DAYRELL, J. *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude*. Belo Horizonte: Humanitas, 2005. 18 p.

DEERE, C D.; LEÓN, M . *O empoderamento da mulher*. Porto Alegre: UFRGS, 2002. 5 p.

DURSTON, J. Juventud rural y desarrollo en América Latina: estereotipos y realidades. In: SOLUM, D. (Org.). *Adolescencia y juventud en América Latina*. San José de Costa Rica: CEPAL, 1999. 21 p.

ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL- ETEC Jales. *A escola*. São Paulo: CEETEPS, 2009. Disponível em: <<http://www.etejales.com.br>>. Acesso em: 2 jun. 2010.

FARIA, N.; NOBRE, M. Gênero e desigualdade. In: FARIA, N. *Cadernos sempre viva*. São Paulo: SOF, 1997. 320 p.

FUNDAÇÃO SEADE. *Perfil municipal*. São Paulo: SEADE, 2009. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br>>. Acesso em: 17 dez. 2010.

_____. *O índice paulista de responsabilidade social- IRPS*. São Paulo: SEAD, 2009. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br/produtos/iprs/pdf/oiprs.pdf>> . Acesso em: 12 set. 2011.

FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975. 13 p.

GENTILI, P. Neoliberalismo e educação: manual do usuário. In: _____. SILVA, T. T. (Org.). *Escola S.A.: quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo*. Brasília: CNTE, 2002. p. 1-25

GODOY, C. M. T.; PÉREZ, F. I. C.; WIZNIEWSKY, J. G.; GUEDES, A. C.; MORAES, C. S. Juventude rural, envelhecimento e o papel da aposentadoria no meio rural: a realidade do município de Santa Rosa/RS. In: CONGRESSO SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 48., 2009, Campo Grande. *Anais...* Campo Grande: SOBER, 2009. p1-15

GUERRA, O. F.; BONFIM, A., M. C. *Educação, trabalho e gênero nas escolas agrotécnicas federais do Piauí*. Piauí: UFPI, 2009. Disponível em: <<http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/ventos/evento2004/GT.9/GT4.PDF>>. Acesso em: 22 jun. 2011.

GUIA DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA JUVENTUDE, BRASIL. *Secretaria geral da Presidência da República*. Brasília: MDA, 2006. 250 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA- IBGE. *Dados da população*. São Paulo: IBGE, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 1 abr. 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA- IBGE *Censo populacional de 1991*. São Paulo: IBGE, 1992. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 14 mar. 2008a.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA- IBGE. *Censo populacional de 2000*. São Paulo: IBGE, 2001. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 14 mar.2008b.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA- IBGE. *Contagem populacional de 2006*. São Paulo: IBGE, 2006. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 14 mar. 2008c.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA- IBGE. *Estimativas 2006*. São Paulo: IBGE, 2006. Disponível em: <www.ibge.gov.br> . Acesso em: 14 mar. 2011.

INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA – IEA. *Banco de dados IEA*. Campinas: IEA, 2009. Disponível em: <<http://www.integração.gov.br>>. Acesso em: 27 mar. 2011.

JUNGUES, D. M. *Jovens rurais de Iracema do Oeste*. 2010. 80 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio)- Centro de Ciências Sociais, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2010.

LIMA, A. G. *Escolarização, gênero e projeto de vida: o discurso de jovens mulheres rurais*. 2010. 199 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Faculdade de Pedagogia, Universidade Federal de São João Del Rei, São João Del-Rei, , 2010.

LOURO, G. L. *Currículo, gênero e sexualidade*. Porto: Porto Editora, 2003. 24 p.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO- MDA. *Documento políticas públicas para desenvolvimento da juventude*. Brasília; MDA, 2008. Disponível em: < www.mda.gov.br>. Acesso em: 13 dez. 2010.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO- MDA. *Territórios da cidadania*. Brasília: MDA, 2009. Disponível em:< www.mda.gov.br>. Acesso em: 12 ag. 2010.

MELUCCI, A. Juventude, tempo e movimentos sociais. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, v. 12, n. 5 - 6, p. 5-14, 1997.

MONBEIG, P. *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*. São Paulo: Hucitec, Polis, 1984. 12 p.

OLIVEIRA, J. T. A.; ANDRADE, M. R. Juventude e projetos de vida: desafios e perspectivas para a agricultura familiar de assentamentos paulistas. In: JORNADA DE ESTUDOS EM ASSENTAMENTOS RURAIS, 4., 2009, Campinas. *Anais...* Campinas: FEAGRI UNICAMP, 2009. p. 1-15

OLIVEIRA, R. S. Expectativas quanto ao trabalho: um estudo com jovens que vivem em assentamento rural no município de São Francisco do Pará. *Amazônia: Ci. & Desenvolvimento*, Belém, v. 2, n. 4, p.1-18, jan./jun. 2006.

ORGANIZAÇÃO IBERO-AMERICANA DA JUVENTUDE- OIJ. *Plano ibero-americano de cooperação e integração da juventude, 1994*. Assunção: RADI, 1994. Disponível em: <<http://www.oij.org/documentos/doc1226582177.pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2011.

PAIS, J. M. *Vida cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003. 12 p.

PAOLI, M. C. Movimentos sociais no Brasil: em busca de um estatuto político. In: HELLMANN, M. (Org.). *Movimentos sociais no Brasil: sem a gente, não tem jeito*. São Paulo: Marco Zero/Ildesfes/Labor, 1999. 15 p.

PERFIL da juventude brasileira. São Paulo: Instituto de Cidadania, 2003. Disponível em: < www.institutodecidadania.com.br>. Acesso em: 23 abr. 2011.

PETINARI, R. A.; TERESO, M. J. A.; BERGAMASCO, S. M. P. P. A importância da fruticultura para os agricultores familiares da região de Jales-SP. *Revista Brasileira de Fruticultura*, Jaboticabal, v. 30, n. 2, p. 356-360, jun. 2008.

PUTNAM, L.; FAIRHURST, G. Discourse analysis in organizations: issues and concerns. In: JABLIN, F. M.; PUTNAM, L. (Ed.). *The new handbook of organizational communication: advances in theory, research and methods*. Thousand Oaks: Sage, 2001. 120 p.

QUEIROZ, T. L. B. *A territorialização da via campesina na Paraíba*. 2009. 86 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Agronomia)- Faculdade de Agronomia, Universidade Federal da Paraíba- UFPB, João Pessoa, 2009.

RUA, M. das G. As políticas públicas e a juventude dos anos 90. In: COMISSÃO NACIONAL DE POPULAÇÃO E DESENVOLVIMENTO. *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília: CNPD, 1998. 98 p.

SACCO DOS ANJOS, F.; CALDAS, N. V. Pluriatividade e ruralidade: falsas premissas e falsos dilemas. In: CAMPANHOLA, C.; GRAZIANO DA SILVA, J. (Ed.) *O novo rural brasileiro: novas ruralidades e urbanização*. Brasília: EMBRAPA, 2003. v. 7, p. 71-106.

SALES, C. de M. V. Gênero e juventude rural: permanência de traços da herança cultural camponesa e a produção de novos valores na construção do presente. In: SEMINÁRIO FAZENDO GÊNERO, 7., 2006, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UFSC, 2006. p. 1 - 7. Disponível

em:<http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/C/Celecina_de_Maria_Veras_Sales_01.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2011.

SANCHÍS, N.; BARACAT, V. ; JIMÉNEZ, M. C. *O comércio internacional na agenda das mulheres*. Buenos Aires: Rede Internacional de Gênero e Comércio, 2004. 12 p.

SANT'ANA, A. L.; SOUZA, G. S.; MAIA, A. H.; SANT'ANA, D. Z.; BUENO, A. R. Caracterização dos jovens filhos de agricultores familiares que estudam em cursos com formação técnica ligada à agropecuária. In: CONGRESSO LATINOAMERICANO DE SOCIOLOGIA RURAL, 8., 2010, Porto de Galinha. *Anais...* Porto de Galinhas: UFPE, 2010. p. 1-15

SANT'ANA, A. L.; COSTA, V. M. H. M. Produtores familiares e estratégias ligadas à terra. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, Rio de Janeiro, v. 42, n. 4, p. 663-683, dez. 2004.

SANT'ANA, A. L. *Raízes na terra: as estratégias dos produtores familiares de três municípios da mesorregião de São José do Rio Preto (SP)*. 2003. 246 f. Tese (Doutorado em Sociologia)- Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2003.

SANTOS, T. S. *Carreira profissional e gênero: a trajetória de homens e mulheres no contexto da feminização da medicina*. 2002. 180 f. Tese (Doutorado em Sociologia)-

Programa de Pós- Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS, Porto Alegre, 2002.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996. 12 p.

SCHNEIDER, S. *A pluriatividade na agricultura familiar*. Porto Alegre: UFRGS, 2003. 8 p.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Agricultura e Abastecimento. Coordenadoria de Assistência Técnica Integral. Instituto de Economia Agrícola. *Levantamento censitário de unidades de produção agrícola do Estado de São Paulo - LUPA 2008*. São Paulo: SAA/CATI/IEA, 2008. Disponível em: <<http://www.cati.sp.gov.br/projetolupa>>. Acesso em: 8 dez. 2010.

SECRETARIA NACIONAL DA JUVENTUDE. *Guia de políticas públicas de juventude*. Brasília: Secretaria-Geral da Presidência da República, 2006. 48 p.

SILVA, C. B. C.; SCHNEIDER, S. Gênero, trabalho rural e pluriatividade. In: SCOTT, P.; CORDEIRO, R.; MENEZES, M. (Org.). *Gênero e geração em contextos rurais*. Florianópolis: Mulheres, 2010. p. 183-207.

SILVA, M. S.; COVER, M. A migração dos jovens rurais no sertão da Paraíba: tramas de dominação, resistência e reconfiguração das relações no meio rural. In: ENCONTRO DA REDE DE ESTUDOS RURAIS, 4., 2010, Curitiba. *Anais...* Campinas: Redes de Estudos Rurais, 2010. p. 1 - 10. 1CD-ROM.

SILVA, C. M. Escola, projetos de futuro e cotidiano – o que dizem as jovens rurais de um município baiano. In: SEMINÁRIO FAZENDO GÊNERO CORPO, VIOLÊNCIA E PODER, 8., 2008, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: [S.l.: s.n.], 2008. p. 1-12

SILVESTRO, M. L. et al. *Impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar*. Brasília: Epagri - NEAD/MDA, 2001. p. 102.

SILVESTRO, M. L.; CORTINA, N. Desenvolvimento rural sem jovens? *Agropecuária Catarinense*, Florianópolis, v. 11, n. 4, p. 5-8, dez. 1998.

SIQUEIRA, H. S. G. Multiculturalismo: tolerância ou respeito pelo Outro? *Jornal A Razão*, São Paulo, v. 15, n. 6, p.3, 2004.

SPANEVELLO, R. M. Jovens rurais, identidade social e reprodução geracional. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 43., 2003, Ribeirão Preto. *Anais...* Ribeirão Preto: SOBER, 2003. 1CD-ROM.

SPOSITO, M. P; CARRANO, P. Juventude e políticas públicas no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, v. 2, n. 24, p. 25-32, 2003.

SPÓSITO, M. P. Estudos sobre juventude em educação. *Revista Brasileira de Educação*, Belo Horizonte, v. 4, n. 5-6, 1997. Número especial.

SPOSITO, M. P. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 22., 1996, Caxambu. *Anais...* São Paulo: USP, 1996. p. 1-22.

STROPASOLAS, V. L. *O mundo rural no horizonte dos jovens*. Florianópolis: UFSC, 2006. 195 p.

STROPASOLAS, V. L. O valor (do) casamento na agricultura familiar. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, n. 1, p.1-12, 2002.

TOLEDO, E. N. B. A juventude rural e os desafios sucessórios nas unidades familiares de produção. *Agricultura Brasil*, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 1 -11, 2008. Disponível em: <http://www.rel-uita.org/agricultura/desafios_juventude_rural.htm>. Acesso em: 13 dez. 2010.

TONDATO, C.; CASSUCCI, A. R.; ANDRADE, J. D. A pluriatividade na agricultura familiar do município de Jales - SP: o estudo de caso de duas comunidades rurais. In: CONGRESSO SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL- *SOBER*, 48., 2010, Campo Grande. *Anais...* Campo Grande: SOBER, 2010. p. 1-15

TROIAN, A.; DALCIN, D.; OLIVEIRA, S. V. Estudo da participação e permanência dos jovens na agricultura familiar nas localidades de Dr. Pedro e Mirim em Santa Rosa-RS. In: CONGRESSO SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL- *SOBER*, 47., 2009, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: SOBER, 2009. 1CD-ROM.

TSUNECHIRO, A.; COELHO, P. J.; CASER, D. V.; BUENO, C. R. F.; FILHO, E.P. C.; BINI, D. L. C.; PINATTI, E. Valor da produção agropecuária do estado de São Paulo, estimativa preliminar, 2010. *Informações Econômicas*, São Paulo, v. 40, n. 11, p. 33- 44, nov. 2010.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS- UNESCO. *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília: CNPD, 1997. 12 p.

VASCONCELOS, F.; ANDRADE, M. C. de M.. A mulher professora: gênero e constituição da identidade docente. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27., 2004, Caxambu. *Anais...* Caxambu: UFC, 2004. p. 1-14

WANDERLEY, M. de N. B. *Juventude rural: vida no campo e projetos para o futuro*. Campinas: FEAGRI Unicamp, 2006. 80 p. Relatório de pesquisa.

WANDERLEY, M. N. B. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: TEDESCO, J. C. (Org.). *Agricultura familiar: realidades e perspectivas*. Passo Fundo: EDIUPF, 1995. p. 23.

WHITAKER, D. C. A. A transcrição da fala do homem rural: fidelidade ou caricatura? In: _____. *Sociologia rural: questões metodológicas emergentes*. São Paulo: Letras à Margem, 2002. p. 115-120.

APÊNDICES

Elemento pós-textual. Vem depois das Referências

Apêndice 1. Questionário geral da pesquisa (n° 01).....	81
Apêndice 2. Roteiro da entrevista grupal (Alunos Etec Jales).....	86
Apêndice 3. Roteiro da entrevista grupal: Grupo das meninas.....	88
Apêndice 4. Ficha aplicada aos pais dos alunos antes da entrevista.....	90
Apêndice 5. Roteiro da entrevista com os pais	93
Apêndice 6. Roteiro de entrevista com o diretor da Etec Jales.....	95

Apêndice 1

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP ILHA SOLTEIRA

DEPTO DE FITOTENIA, TECNOLOGIA DE ALIMENTOS E SÓCIO-ECONOMIA

PESQUISA: "Vivências e projetos dos jovens rurais: ameaças para a reprodução social da agricultura familiar?" Questionário Geral da pesquisa (n° 01)

N° do questionário: _____

Data do levantamento: ____/____/____

1. IDENTIFICAÇÃO

1.1 Nome: _____ Telefone: _____

1.2 Curso: _____ Série/Semestre: _____

1.3 Município de moradia: _____

1.4 Idade: _____ anos 1.5 Estado civil: _____

2. DADOS DA FAMÍLIA

2.1 Você mora com a família?

() Sim () Não (Local de moradia: _____)

2.2 Local de moradia da família:

() na propriedade () na cidade () outro local: _____

2.3 Número de pessoas da família que moram no mesmo local: _____

2.4 Características das pessoas da família que trabalham na propriedade:

nome	Parentesco	Idade	Escolaridade	trabalha em atividade não agrícola:

2.5 A família utiliza mão-de-obra de terceiros para ajudar no serviço da propriedade?

() Não () Sim: () empregado permanente () diaristas
() troca-de-dias () outro tipo: _____

3. DADOS DO ESTABELECIMENTO

3.1 Área do estabelecimento: _____ hectares

3.2 Caracterização das principais explorações do estabelecimento

3.2.1 Bovinocultura de leite

3.2.1.1 Total de cabeças do rebanho: _____

3.2.1.2 Produção média no período das águas: _____ litros/dia

3.2.1.3 Produção média no período da seca: _____ litros/dia

3.2.1.4 Produtividade média das matrizes: _____ litros/dia

3.2.1.5 Destino da Produção: _____

3.2.2 Outras criações

Espécie	Quantidade	Destino da Produção	
		Auto-consumo	Comercialização (especificar para quem)
Aves (nº de cabeças)			
Suínos (nº de cabeças)			
Ovinos/Caprinos (nº cab)			
Abelhas (nº de colméias)			
Peixes (nº de cabeças)			

3.2.3. Exploração vegetal

Culturas e forrageiras	Área ou nº de pés	Produção	Destino da Produção	
			Auto-consumo	Comercialização (especificar para quem)

4. RELAÇÃO DOS JOVENS COM A FAMÍLIA, A PROPRIEDADE E O TRABALHO

4.1 Você trabalha? (*exceto na propriedade*)

() Não () Sim, Local e atividade: _____

4.2 Qual a sua opinião sobre o trabalho que realiza? _____

4.3 Qual a frequência que você vai à propriedade?

() diariamente () algumas vezes durante a semana () final de semana
() semanalmente () quinzenalmente () mensalmente () outra: _____

4.4 Realiza algum tipo de trabalho na propriedade?

() Não, por quê? _____

() Sim (*caso sim, responder os itens 4.5 a 4.8*)

4.5 Quais? _____

4.6 Quantas horas em média por semana? _____

4.7 Qual sua opinião sobre o trabalho na propriedade? _____

4.8 Você recebe alguma remuneração específica para realizar estas atividades?

() Não () Sim, quanto? _____

4.9 Em relação à propriedade, você participa das decisões sobre:

() A distribuição dos serviços () Aspectos técnicos da condução das culturas e criações

() A venda dos produtos e para quem será vendido () Quais investimentos devem ser feitos

() A introdução de novas culturas ou criações () Necessidade ou não de financiamento agrícola

4.10 Você considera a relação com seus pais:

() muito boa, com raros conflitos () boa, mas com alguns conflitos

() ruim, com conflitos freqüentes () outra resposta: _____

5. RELAÇÃO DOS JOVENS COM A ESCOLA

5.1 Por que escolheu estudar na Etec Jales? _____

5.2 Qual foi o motivo de ter escolhido este curso? _____

5.3 Atualmente, qual a sua avaliação do curso?

() Muito bom, superou as expectativas

() Bom, atendeu as expectativas

() Regular (Motivo: _____)

() Ruim (Motivo: _____)

(para os alunos matriculados em cursos da área agropecuária responder item 5.4 e 5.5)

5.4 Os seus conhecimentos sobre agropecuária tem ajudado nas disciplinas do curso?

() Sim, como? _____

() Não, por quê? _____

5.5 Os conhecimentos adquiridos no curso tem sido aplicados na propriedade?

() Sim. Como? _____

() Não. Por quê? _____

(alunos matriculados em cursos de outras áreas e do ensino médio regular responder item 5.6)

5.6 Qual a sua opinião sobre os cursos da área agropecuária? _____

5.7 O que pretende fazer após a conclusão do curso?

() Um curso superior (Área: _____)

() Continuar no trabalho atual

() Trabalhar na área técnica em que está se formando

() Trabalhar na propriedade dos pais

() Outra opção: _____

5.8 Qual a profissão que os seus pais gostariam que você tivesse? _____

6. LAZER E ORGANIZAÇÃO DOS JOVENS

6.1 Quais as atividades de lazer que você participa? _____

6.2 Participa de alguma atividade de lazer na área rural?

() Não, por quê? _____

() Sim, qual(is)? _____

6.3 Você é integrante de algum grupo ou organização social (grupo de jovens, associações de classe ou esportivas, cooperativas, etc.)

() Não () Sim, qual(is)? _____

6.4 (*caso sim*) O que o(a) levou a participar? _____

7. VISÃO DOS JOVENS E PLANOS PARA O FUTURO

7.1 Quais são seus planos para o futuro? _____

7.2 Você acha que há preconceito em relação aos moradores da área rural e/ou filhos de agricultores?

() Não () Sim, que tipo? _____

7.3 Alguns estudos apontam que a maioria dos jovens tem deixado a área rural e/ou o trabalho na agropecuária. Em sua visão, quais os motivos têm provocado esta saída? _____

7.4 Parte dos jovens, no entanto, continua morando e/ou trabalhando na área rural. O que, em sua opinião, leva os jovens a permanecer no campo? _____

7.5 Há alguma dificuldade em relação ao estudo, ao trabalho e/ou à vida familiar que pode impedir que seus planos para o futuro se concretizem?

() Não

() Sim, qual(is) são? _____

Apêndice 2

PESQUISA JOVENS RURAIS
ROTEIRO DA ENTREVISTA GRUPAL: GRUPO MENINAS

1. Verificar se todos se conhecem e proceder as apresentações de alunos e da equipe

2. Faça uma lista do que mais lhe desperta interesse (cinco ou mais itens)

- após leitura, esclarecer dúvidas

3. Notam diferenças de tratamento pelo fato de vocês serem mulheres?

3.1 Na escola?

3.2 Nas relações com os familiares (incluindo tios, primos, avós)?

3.3 No trabalho na propriedade?

- verificar se consideram positivas ou negativas as possíveis diferenças apontadas;

- se possuem críticas à forma como são tratadas, qual seria a maneira mais adequada?

4. Quais as condições que lhe motivaria a permanecer na propriedade dos pais quando tiver autonomia para escolher?

- perguntar **previamente** onde preferiria morar quando puder escolher;

- verificar se apenas moraria na propriedade ou se incluiria projetos de vida e trabalho no campo?

5. Como você avalia a vida da sua mãe, em termos de trabalho e da relação que mantém com seu pai? Gostaria de ter uma vida semelhante?

- verificar se alguém quer comentar, mas não pedir para fazer a leitura como nos itens anteriores.

Apêndice 3

PESQUISA JOVENS RURAIS
ROTEIRO DA ENTREVISTA GRUPAL (ALUNOS ETEC JALES)

1. Apresentação dos alunos e da equipe

Nome, cidade, curso e o que mais gosta de fazer.

2. Como é (ou era) um dia de vocês na propriedade/em casa?

- as atividades cotidianas que realiza;
- verificar como é feito o trabalho na propriedade, quem manda, se já “sabe” o que fazer, como é o trabalho de outros membros da família;
- atividades de lazer.

3. O que você acha que deve ser feito ou mudado na propriedade para produzir e para viver melhor lá?

- verificar se coloca aspectos ligados à produção e à vida e porque citou aqueles aspectos;
- verificar, na percepção do aluno, de quem ou do que depende para que essas ações se realizem;

4. Quem será você daqui a dez anos?

- verificar se mencionou profissão, local em que estaria, aspectos que seriam desejáveis;
- isso seria o que seus pais mais desejariam?

5. Quem estará na propriedade dos seus pais daqui a dez anos e fazendo o quê?

- verificar aspectos produtivos e da vida em geral

Apêndice 4

3. RELAÇÃO DA FAMÍLIA COM OS JOVENS

3.1 Em relação à propriedade, quem participa e quem toma as decisões sobre:

Atividade	Participa das decisões	Decide (quando não há consenso)
A distribuição dos serviços		
Aspectos técnicos da condução de culturas e criações		
A venda dos produtos e para quem será vendido		
Quais investimentos devem ser feitos		
A introdução de novas culturas ou criações		
Necessidade ou não de financiamento agrícola		

3.2 Você considera a relação com seu filho:

() muito boa, com raros conflitos

() boa, mas com alguns conflitos

() ruim, com conflitos freqüentes

() outra resposta: _____

4. OBSERVAÇÕES:

() outra resposta:

4. OBSERVAÇÕES:

Apêndice 5

PESQUISA JOVENS RURAIS
ROTEIRO DA ENTREVISTA COM OS PAIS

1. AVALIAÇÃO EM RELAÇÃO À ESCOLA

- 1.1 Como foi a escolha Etec Jales e do curso que seu filho estuda lá?
- 1.2 Qual é sua avaliação sobre a qualidade do ensino ministrado na Etec Jales?
- 1.3 O seu filho(a), que estuda na Etec Jales, quando vem na propriedade realiza algum tipo de trabalho? Quais?
- 1.4 Ele traz idéias ou técnicas que aprendeu na Etec Jales para serem utilizadas na propriedade? (caso sim) Qual a sua opinião sobre estas idéias ou técnicas?

2. FUTURO DOS FILHOS

- 2.1 O que pretende para o futuro do filho(a) que estuda na Etec Jales?
- 2.2 Qual, na sua opinião, deve ser o destino dos demais filhos que ainda estão na propriedade? (somente os maiores de 15 anos, se houver)
- 2.3 Quais filhos deixaram a propriedade e o que estão fazendo atualmente?

3. SUCESSÃO

- 3.1 Quando não puder ou não quiser continuar a tomar conta da propriedade, quem assumirá esta tarefa?
(se ainda não decidiu, passar para item 3.2)
- 3.2 Qual critério pretende utilizar para decidir quem assumirá a propriedade?
- 3.3 Como foi que obteve a propriedade?
(no caso de herança verificar detalhes da divisão dos bens e sucessão e passar para o item 3.4)
- 3.4 Qual é sua opinião sobre o processo utilizado?

4. SATISFAÇÃO COM O TRABALHO

- 4.1 O que você acha de morar na área rural, na propriedade? (se não mora, adequar)
- 4.2 Qual é a sua avaliação do trabalho que realiza na propriedade?
- 4.3 Qual é a sua avaliação dos resultados obtidos com o trabalho que realizam?

Apêndice 6

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP ILHA SOLTEIRA
DEPTO DE FITOTENIA, TECNOLOGIA DE ALIMENTOS E SÓCIO-ECONOMIA

PESQUISA: *“Vivências e projetos dos jovens rurais: ameaças para a reprodução social da agricultura familiar?”*

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM DIRETOR DA ETEC JALES

1. HISTÓRICO DA ETEC JALES

- quando iniciou
- cursos iniciais
- desafios enfrentados, momentos importantes
- ampliação dos cursos
- mudança em direção a cursos não ligados à agropecuária (avaliação)

2. SITUAÇÃO ATUAL DA ETEC JALES

- infra-estrutura atual da escola (prédios, laboratórios, alojamento)
- da propriedade culturas e criações, máquinas e equipamentos
- número de cursos/vagas
- projetos e/ou parcerias com outras instituições
- número de alunos e professores; e número de alunos internos
- qualificação e remuneração dos professores, há rotatividade?
- perfil dos alunos tem mudado?
- resultado de avaliações como ENEM

3. DESTINO DOS JOVENS EGRESSOS DA ETEC JALES

- Objetivo da Etec em termos de formação
- Resultados práticos obtidos
- Motivos de desistência
- O que a Etec faz ou pode fazer para estimular a permanência do jovem vinculado à propriedade (agricultores familiares)?

4. FUTURO DA ETEC JALES

- Quais são os projetos para o futuro da ETEC Jales/
- O que já está sendo encaminhado?
- O que são ainda desafios?